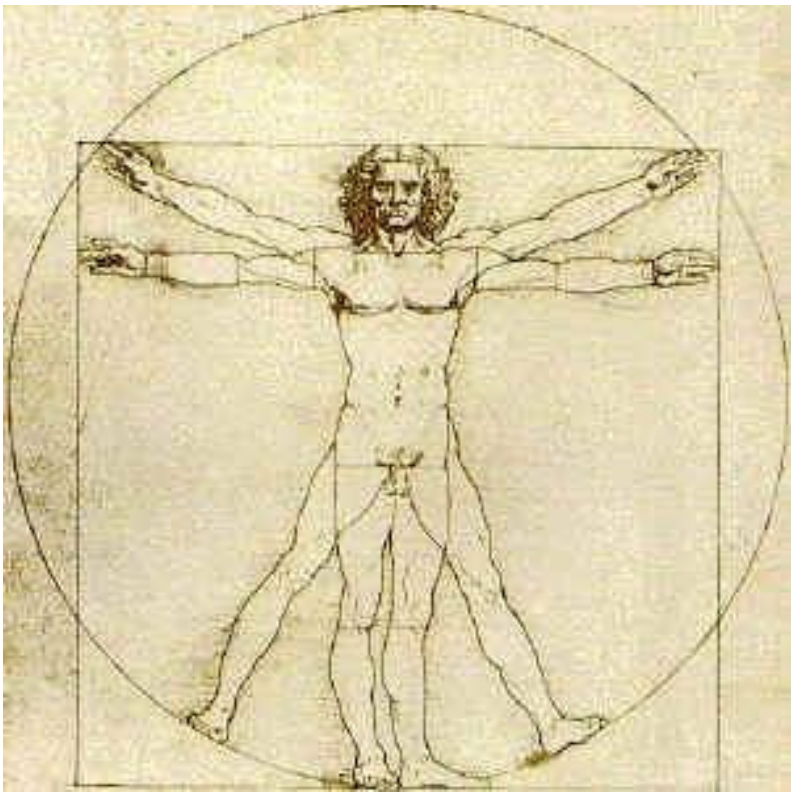
HISTÓRIA LIVRE

HistoriaLivre.com



"O Nascimento da Modernidade"

MARCOS FABER

APOSTILA DE HISTÓRIA 2

(5ª Edição – Agosto de 2016)

Ensino Médio, EJA e Pré-Vestibular

HISTÓRIA LIVRE.COM

INTRODUÇÃO

Esta apostila foi originalmente desenvolvida para servir como base de estudos aos alunos de Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Escola Estadual Dolores Alcaraz Caldas de Porto Alegre/RS. Porém, como o objetivo do site *HistoriaLivre.com* é a divulgação livre do conhecimento, estou disponibilizando o download desta, gratuitamente no site. Portanto, os professores de ensino médio, pré-vestibulares comunitários ou EJA, poderão utilizar este material sem ônus algum.

Entretanto, preciso esclarecer algumas coisas sobre o conteúdo deste material.

Em primeiro lugar, esta apostila não tem a intenção de esgotar qualquer que seja o assunto, ao contrário, apenas deseja estimular o debate sobre as temáticas aqui expostas. Segundo, um livro didático jamais deve ser entendido como verdade absoluta, pois independente de quem o escreveu, um livro sempre expressará as ideias e pensamentos de seu autor. Terceiro, um material didático deve ter como função principal servir de ferramenta ao professor e ao aluno enquanto pesquisadores do passado histórico, portanto, a explicação do professor, assim como a utilização de outros recursos, torna-se indispensável. E, por último, quero afirmar que tenho consciência de que este material necessitará de constantes revisões e ampliações, pois, trata-se de um material produzido para equipar alunos em sala de aula e que, portanto, não deve ficar parado no tempo, mas estar sempre sendo revisado e readequado àquilo que cada turma de alunos necessita para construir o conhecimento histórico.

Quanto à diagramação da apostila, procurei disponibilizar os conteúdos de forma clara e direta, ajustando os capítulos para que possam ser utilizados em no máximo duas aulas. Já os textos foram estrategicamente construídos para que tenham entre uma e duas páginas, o que permitirá ao professor, se assim o desejar, utilizá-los de forma independente da apostila.

Atenciosamente,

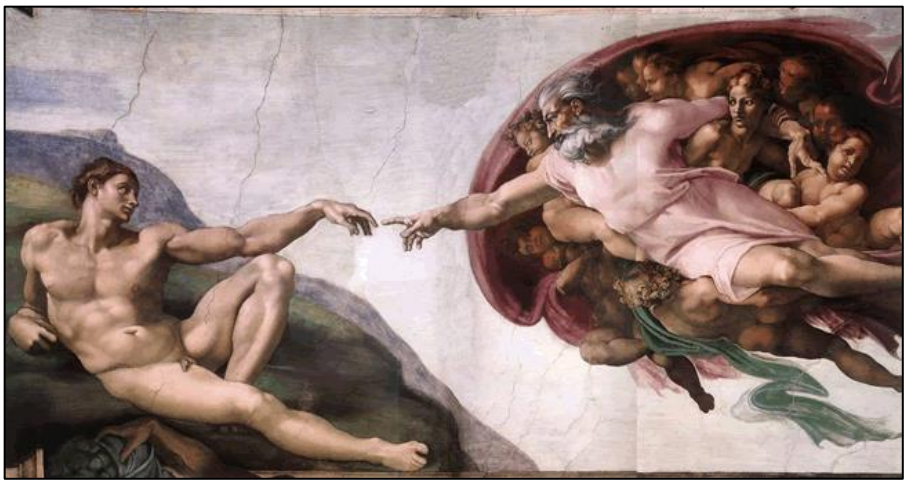
Professor Marcos Faber

Outras Apostílas poderão ser baixadas gratuitamente em:

http://www.historialivre.com/apostílas

CAPÍTULO 1

Anotações



A Criação de Adão de Michelangelo. O homem como a principal obra de Deus.

O RENASCIMENTO

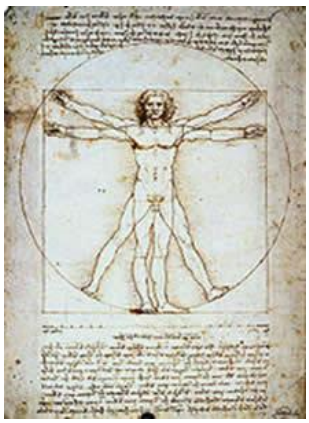
O Renascimento foi um movimento intelectual e cultural que iniciou na Itália, por volta do século XIV, como resultado das relações comerciais entre mercadores italianos de Veneza e Gênova com bizantinos e árabes. Mas, não ficando restrita à Península Itália, o movimento logo se espalhou por toda Europa.

O Renascimento recebeu esse nome porque seus integrantes buscavam um renascer da cultura da Antiguidade Clássica greco-romana. Os renascentistas acreditavam que no Mundo Clássico havia existido uma cultura livre da religiosidade medieval. Também acreditavam que a antiguidade havia representado o auge da história da civilização ocidental. Por isso, centenas de livros latinos e gregos passaram a ser lidos vorazmente pelos adeptos do movimento. Ao entrarem em contato com o pensamento racionalista grego, os renascentistas romperam definitivamente com a visão de mundo religiosa e supersticiosa da Idade Média.

Enquanto isso, no Brasil:

O Brasil era habitado por tribos indígenas. A descoberta do país ocorreria anos depois como consequência das descobertas científicas renascentistas.

Assim, a principal característica do Renascimento foi sua busca por compreender a humanidade como um todo. Preocupação, aliás, que orientou o desenvolvimento das ciências, da política, das artes e até da religião, que passaram a colocar o ser humano no centro de suas pesquisas (*antropocentrismo*, do grego, *antropos* = ser humano). Por isso, a ideologia surgida no centro do movimento ser chamada de Humanismo.



O Homem Vitruviano de Leonardo da Vinci, o homem como o centro da investigação artística e cientifica.

O Renascimento Artístico

O grande veículo de divulgação das ideias renascentistas foi sem dúvida a arte. Numa época onde poucos sabiam ler e escrever, os renascentistas souberam como poucos utilizar as artes como veículo de divulgação de suas ideias humanistas.

A pintura e a escultura tiveram nesta época seu apogeu.

No que se refere às técnicas, o Renascimento teve por característica principal a busca por representar a realidade em sua mais bela forma. Por isso, o desenvolvimento das técnicas de perspectiva e profundidade, o impressionante realismo das obras e a ampliação das técnicas de sombreamento com luz e sombra ganharam grande espaço nas produções artísticas. O objetivo dos artistas era reproduzir a realidade exatamente como o autor a enxergava. Com isso, as representações da figura humana adquiriram solidez, majestade e poder, refletindo o sentimento de autoconfiança de uma sociedade que se tornava muito rica e complexa, com vários níveis e classes sociais.

Anotações

Principais pensadores Renascentistas

Artes: Leonardo da Vinci (1452-1519), Michelângelo (1475-1564), Sandro Botticelli (1445-1510), Rafael Sanzio (1483-1520), Donatello (1386-1466), Andrea Mantegna (1431-1506), Jan van Eyck (1390-1441), Albrecht Dürer (1471-1528), Hans Holbein (1497-1543), Rembrandt (1606-1669).

Arquitetura: Filippo Brunelleschi (1377-1446), Gian Lorenzo Bernini (1598-1680).

Teatro: Willian Shakespeare (1564-1616), Molière (1622-1673), Christopher Marlowe (1564-1593).

Literatura: Luís de Camões (1524-1580), Dante Alighieri (1265-1321), Miguel de Cervantes (1547-1616).

Ciências: Giordano Bruno (1548-1600), Galileu Galilei (1564-1642), Johannes Kepler (1571-1630).

Política (ideologia): Thomas Morus (1478-1535), Nicolau Maquiavel (14969-1527), Erasmo de Roterdã (1466-1536).

Religião (teologia): Martinho Lutero (1483-1546), João Calvino (1509-1564), Savonarola (1452-1498), Zuínglio (1484-1531).

Observe que os símbolos religiosos foram abandonados. O ser humano (geralmente burgueses) passou a ocupar o papel de destaque nas obras.

Mona Lisa de Leonardo da Vinci

Casal Arnolfini de Jan van Eyck

O Nascimento da Vênus de Botticelli

Escola de Atenas de Rafael Sanzio

Dica de e-book (grátis)

História Ilustrada da Arte: O Renascimento

de Marcos Faber

A história do Renascimento é narrada através das obras artísticas criadas no período.

Disponível em:

http://www.historialivre.com/moderna/renascimento2.pdf

CAPÍTULO 2

O homem aproxima-se de Deus, porém, sem perder a individualidade.

O PENSAMENTO HUMANISTA

Teocentrismo x Antropocentrismo

Ao romper com os paradigmas* defendidos pela Igreja Católica, o Renascimento representou a ascensão dos ideais burgueses sobre o pensamento e a cultura medieval. A mentalidade renascentista rompeu com a visão de mundo onde a religião ocupava o centro de todas as questões (teocentrismo). Para os humanistas, o centro de toda e qualquer pesquisa deveria ser o próprio ser humano (antropocentrismo) e não a religião, como acontecia anteriormente.

Como resultado imediato disso, a Igreja deixou de ser vista como aquela que tinha as respostas para todos os problemas da vida e da sociedade.

Com suas estruturas ideológicas abaladas, a Igreja Católica perdeu muito de seu poder político e, por incrível que possa parecer, também perdeu muito de seu prestígio mesmo no meio religioso, pois novas interpretações, principalmente humanistas, sobre a religião passaram a surgir, principalmente após a Reforma Protestante.

Características do humanismo

Ser humano no centro do universo: O ser humano passou a ocupar o centro de interesse da sociedade, das artes e das ciências. Com isso, o ser humano tomou o lugar que antes era ocupado pela religião e, consequentemente, pela Igreja.

Retorno aos estudos sobre o Mundo Clássico: Na verdade os renascentistas passaram a idealizar uma cultura greco-romana como perfeita e, por isso, motivo de ser copiada.

Racionalidade acima da superstição: Abandono às explicações supersticiosas ou baseadas somente na fé, tudo tinha que ter uma explicação racional, ou seja, baseada na razão e comprovável cientificamente. Incentivo às ciências.

Anotações

Glossário

*** Paradigma**: Algo que se acredita ser uma verdade absoluta, não contestável.

Dica de Quadrinho (HQ)

Bórgia: Sangue para o Papa

De Jodorowsky e Milo Manara

Assassinatos, traição e luxuria formam o eixo desta HQ. Os autores expõe de forma ácida e crítica o sórdido período em que Rodrigo Bórgia assumiu o papado com a alcunha de Alexandre IV. César Bórgia, filho do papa, serviu de inspiração para Maquiavel escrever *O Príncipe*.

CAPÍTULO 3

Lutero afixando suas 95 Teses na porta do Castelo de Wittenberg (outubro de 1517).

A REFORMA PROTESTANTE

Ao questionar a visão de mundo teocêntrica (que coloca a religião no centro da sociedade), o humanismo renascentista foi como uma bomba que abalou as estruturas da Igreja Católica Apostólica Romana. Muitos intelectuais passaram a criticar abertamente as doutrinas católicas. Mesmo entre os religiosos surgiram pessoas que contestavam o poder excessivo que a Igreja desempenhava na sociedade.

Apesar disso, o humanismo ainda se restringia ao meio intelectual, não atingindo as camadas populares da sociedade. Essa situação somente se modificou quando as ideias humanistas chegaram à religião.

E o ambiente propício para isso foi encontrado na região da Alemanha. Pois no começo do século XVI não existia uma Alemanha unificada como conhecemos hoje. Na região existiam vários pequenos reinos e principados que, por sua vez, estavam abrigados debaixo do enfraquecido Sacro Império Romano. Na região, a economia era muito atrasada se comparada a outras áreas da Europa. A nobreza constituía a camada social dominante e a clero (padres, monges e bispos), apesar de dominarem no aspecto ideológico, não tinham o mesmo domínio político que desfrutavam em outras regiões.

Para piorar a situação de miséria do povo, no início do século XVI, chagaram a região cobradores de *indulgências* (documento que garantia o perdão dos pecados ao portador). Os "padres indulgentes" tinham por missão vender o máximo de documentos expiatórios que pudessem aos empobrecidos camponeses alemães.

Foi dentro deste contexto que surgiu o monge católico Martinho Lutero (1483-1546).

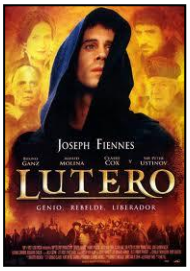
Lutero, assim como muitos monges da época, não concordava com a "venda do perdão" e, muito menos, com a exploração que seus conterrâneos estavam submetidos. Com isso, em outubro de 1517, Lutero afixou na porta do castelo de Wittenberg suas famosas 95 Teses. Nelas, o monge alemão,

Anotações

Enquanto isso, no Brasil:

Faziam apenas 17 anos que os portugueses tinham chegado no Brasil. Sequer a colonização havia começado.

Dica de Filme



Lutero
(Alemanha, 2003, 124 min.)

O filme narra a história de Martinho Lutero (interpretado por Joseph Fiennes) da sua conversão ao rompimento definitivo com a Igreja Católica.

defendia a extinção das indulgências e condenava o luxo de que desfrutava o papa em Roma. Para surpresa do alto clero romano, Lutero obteve o apoio de praticamente todos os setores da sociedade alemã.

Com isso, o papa Leão X exigiu que Martinho Lutero se arrependesse e se retratasse. Com a negativa do monge, o papa o excomungou (expulsou da Igreja). Fato que levou uma série de nobres alemães a se desligarem da Igreja de Roma.

Livre das limitações teológicas a que estava submetido, Lutero passou a escrever uma série de livros e tratados onde defendia a revitalização (Renascimento) da Igreja. Nestes escritos, Lutero estabeleceu a Bíblia como a mais alta autoridade doutrinária da Igreja. Para ele, todas as doutrinas deveriam ter a Bíblia como fundamento. Com isso, Lutero negava a importância da tradição como fonte de fé.

Para Lutero, a salvação era fruto direto da fé do cristão em Deus. Ao contrário do que defendiam os católicos, para o reformador, não havia intermediários entre os homens e Deus. A salvação somente poderia ser alcançada pelo relacionamento entre o fiel e Deus.

Enquanto a Igreja Católica defendia ser ela mesma a intermediária entre os homens e Deus. Lutero afirmava que a Igreja não era o caminho até o Senhor, o papel da Igreja era o de apontar o caminho até Deus. Mas, mesmo que criticasse a atuação da Igreja, Lutero defendia a existência dela, pois, o fiel necessitava fazer parte da Igreja (que era o Corpo de Cristo), porém, a Igreja precisava ser renovada.

As principais Doutrinas Luteranas

Justificação pela fé: Segundo Lutero, a salvação é um processo individual onde o crente, por meio de sua fé em Jesus Cristo, tem acesso ao paraíso. Essa crença contrariava a pregação católica, pois para esses, a salvação era um processo mediado pela Igreja, para chegar ao paraíso, o crente deveria cumprir com uma série de sacramentos e boas obras;

Sacerdócio Universal: Lutero defendia que todos os cristãos eram sacerdotes e, portanto, não necessitavam de intermediários para ter contato com Deus. Novamente a Igreja Católica era atingida, pois para os católicos somente os membros do clero eram sacerdotes;

Bíblia como única fonte segura para a fé: Para o reformador, a Bíblia era a única fonte confiável de informações sobre a fé. Por isso, deveria ser lida por todos. Para Lutero, o papel da Igreja era o de apontar o caminho até Deus e não o papel de ser o caminho.

As doutrinas luteranas eram humanistas, pois colocavam o ser humano como único responsável pela própria salvação. Não havia mais intermediários entre os homens e Deus. Era o relacionamento pessoal com a divindade que garantia a vida eterna aos seres humanos.

Anotações

Lutero na Dieta de Worms. Foi em Worms, na Alemanha, que o reformador confrontou de fato os católicos.

As Doutrinas Luteranas eram humanistas

Ao colocar o ser humano como responsável por sua espiritualidade, sendo o grande responsável por sua própria salvação, Lutero demonstrou ser um humanista.

Para ele, a Igreja não era o caminho para a salvação, pois o papel da Igreja era o de apontar o caminho até a salvação (o caminho era o próprio Jesus), cabendo aos seres humanos escolher seguir ou não este caminho.

CAPÍTULO 4

Anotações

João Calvino foi um dos mais polêmicos reformadores do século XVI.

OUTROS MOVIMENTOS REFORMADORES

João Calvino e o Calvinismo

Em muitos países a Reforma Protestante foi combatida de forma bastante violenta. Milhares de protestantes foram presos pela Inquisição (Tribunal do Santo Ofício) em toda a Europa, com muitos deles sendo condenados à morte. E, na França, tradicionalmente um reino aliado ao Vaticano, não foi diferente. Neste país, os protestantes foram perseguidos e presos. Em consequência a isso, muitos se refugiavam na vizinha Suíça.

João Calvino (1509-1564) foi um destes tantos protestantes franceses que fugiram para o território suíço. Na Suíça, Calvino entrou em contato com as ideias humanistas e, principalmente, teve acesso à literatura grega antiga. Esse contato com a literatura clássica e humanista foi muito importante para aquilo que Calvino iria desenvolver em sua teologia.

Enquanto isso, no Brasil:

Os primeiros calvinistas chegaram ao Brasil ainda no século XVI, os seguidores de Calvino vieram ao país junto às invasões francesa e holandesa ao território brasileiro.

Calvino, apesar de ter mantido quase todos os princípios formulados por Martinho Lutero, desenvolveu uma teologia própria, mas que tinha uma diferença muito importante: a **Doutrina da Predestinação**. Nesta doutrina, influenciada na crença grega no destino, Calvino afirmava que Deus, o único com conhecimento sobre o futuro, já sabia, desde sempre, quem eram as pessoas que seriam salvas por Ele, assim, como já sabiam quem não seria.

De acordo com Calvino, a fé não era o caminho para a salvação, para ele, a fé era o sinal de que o fiel estava predestinado à salvação. Com isso, o calvinismo se afastava daquilo que Lutero havia defendido, ou seja, que a salvação somente era alcançada por meio da fé em Jesus Cristo.

Os puritanos que colonizaram os Estados Unidos no século XVII eram calvinistas radicais.

Mesmo contrariando a Lutero, a Doutrina da Predestinação se tornou muito popular na Suíça. Entretanto, quando as ideias de Calvino chegaram às pessoas comuns, uma dúvida foi gerada: *Como posso saber se sou ou não predestinado a ser salvo?*

A resposta de Calvino era bastante simples. Segundo ele, a garantia de que alguém havia sido predestinado por Deus à

salvação estava em seu sucesso pessoal, ou seja, uma pessoa próspera e bem sucedida (profissão, saúde, família, etc.) demonstrava o favor de Deus para com ela. Portanto, o próspero tinha a garantia de sua salvação, pois onde a planta de seus pés pisasse iria prosperar. Mas, o contrário também era verdadeiro. Pois, aquele que não prosperasse dava demonstrações de que não estava predestinado à salvação.

O reflexo maior desta doutrina foi que, ao contrário dos católicos, os calvinistas passavam a defender a riqueza pessoal. Assim, a riqueza e o lucro deixavam de ser pecado para se tornarem em sinais do favor divino e, também, numa forma de glorificar a Deus. Como a Igreja Católica condenava os lucros e a riqueza pessoal, os burgueses adotaram, quase que integralmente, a nova fé.

Contudo, ao contrário de outras vertentes protestantes, o calvinismo não se desenvolveu em uma igreja específica, mas como doutrina que seria aceita em algumas igrejas protestantes já existentes. Assim, a doutrina calvinista obteve uma grande aceitação na Suíça (onde surgiu), de lá se espalhando por toda a Europa, especialmente, na Escócia (onde fizeram muitos adeptos entre os *presbiterianos*), na Inglaterra (*puritanos*, *quakers* e outros), na Holanda (*reformados*) e na França (onde ficaram conhecidos pejorativamente como *huguenotes*).

Henrique VIII e o Anglicanismo

Enquanto em outras regiões da Europa a Reforma Protestante foi comandada por indivíduos extremamente religiosos, na Inglaterra ela foi iniciada pelo próprio rei.

Tudo começou quando o rei Henrique VIII (1491- 1547) pediu o divórcio de sua esposa, Catarina de Aragão, para casar-se com outra mulher. A alegação de Henrique era que sua esposa Catarina não havia lhe dado um filho homem para sucedê-lo no trono.

Henrique decidido a casar-se com a amante, a cortesã Ana Bolena, enviou ao papa uma carta de solicitação de divórcio. Entretanto, o divórcio não poderia ser autorizado pela Igreja, pois para os católicos a dissolução do casamento era um pecado gravíssimo.

Aproveitando-se do impasse, Henrique VIII rompeu com a Igreja Católica, declarando-se o novo chefe supremo da Igreja na Inglaterra. Em consequência, todos os bens e as terras pertencentes à Igreja passam para as mãos do soberano.

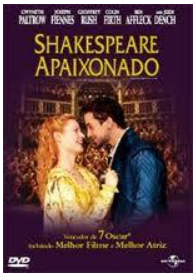
A nova Igreja fundada por Henrique foi denominada de Igreja Anglicana. Contudo, no início a nova igreja não era muito diferente da Católica, já que a maior parte do clero católico manteve sua posição na nova Igreja. Entretanto, com o tempo os anglicanos foram se aproximando dos ideais da Reforma Protestante, especialmente do calvinismo.

Anotações

Henrique VIII rompeu com a Igreja Católica, tornando-se o mais poderoso rei de seu tempo.

A rainha Elizabeth I (1533-1603), filha de Henrique VIII, que era protestante, favoreceu a Reforma religiosa no país.

Dica de Filme



Shakespeare Apaixonado
(EUA/Inglaterra, 1998, 83 min.)

Em plena Era Elizabetana, Shakespeare precisa escrever uma nova peça de teatro, uma história de amor com fim trágico, mas está sofrendo um bloqueio. Somente uma musa inspiradora poderá ajudá-lo.

CAPÍTULO 5

Anotações

O Concílio de Trento definiu os caminhos que a Igreja Católica adotaria em relação à Reforma Protestante.

A CONTRA REFORMA

Em resposta a Reforma Protestante, o papa Paulo III (1468-1549) promoveu sua própria reforma dentro da Igreja Católica. Para isso, foi convocado um concílio com o propósito de rever todas as doutrinas católicas que vinham sofrendo críticas de protestantes e humanistas.

O Concílio de Trento (1545-1563), realizado na cidade italiana de mesmo nome, promoveu principalmente as seguintes mudanças:

- Reativação do Tribunal do Santo Ofício (Inquisição): responsável por julgar todos os casos de heresia, especialmente os praticados pelos protestantes;
- Criação da Companhia de Jesus (Ordem dos Jesuítas): responsável por conter o avanço protestante na Europa e por levar o cristianismo católico a regiões não cristianizadas (América, Ásia e África);
- Publicação do catecismo: livro com o resumo da doutrina católica: servia para a catequização de novos convertidos;
- Criação do Índex: lista de livros proibidos (livros de ciências, bruxaria e, claro, literatura protestante);
- Confirmação da Bíblia Vulgata (em latim) como a versão oficial da Igreja, ou seja, as Bíblias traduzidas para outros idiomas continuavam não sendo autorizadas.

Mesmo que oficialmente o Concílio de Trento tivessem por objetivo reformar a Igreja (*veja o quadro ao lado*), a verdade é que ele pouco ofereceu em matéria de modernização, pois na prática as definições do Concílio apenas criaram mecanismos de combate ao protestantismo, principalmente em países onde os reformadores não eram fortes como Espanha, Portugal e Itália, países onde os protestantes foram duramente perseguidos.

Ruínas de uma Igreja Jesuítica do século XVII em São Miguel das Missões no Rio Grande do Sul. A Ordem Jesuíta ainda é muito atuante em nossos dias, principalmente em escolas e universidades particulares.

Os objetivos oficiais do Concílio de Trento eram:

- Espalhar a fé católica em regiões não cristianizadas;
- Conter o avanço dos protestantes;
- Modernizar a Igreja.

CAPÍTULO 6

"O Estado sou eu!" frase do francês Luís XIV, o autointitulado rei sol, o maior dos monarcas absolutistas de seu tempo.

Classe social

Uma **classe social** é composta por um grupo de pessoas que têm *status social* similar segundo critérios diversos, especialmente econômicos ou de nascença (estabelecidos de acordo com a importância da família que se faz parte).

O ABSOLUTISMO

O Renascimento e a Reforma inauguraram uma nova era na Europa, um período em que a Igreja Católica já não tinha mais o poder político de outros tempos. Devido a isso, as monarquias europeias se fortaleceram, se tornando absolutas.

O absolutismo foi uma política de concentração de poderes na figura do rei. Na prática, os reis absolutistas concentravam os 3 poderes (executivo, legislativo e judiciário). Por esse motivo, os monarcas tinham o poder absoluto (total) sobre a política e a economia do reino. Era como se o reino lhes pertencesse.

Divisão social:
- Nobres
- Clero
- Servos (povo e burguesia)

No campo econômico, os reis absolutistas adotaram a política mercantilista. O mercantilismo tinha algumas regras que deveriam ser seguidas para o sucesso de sua prática, ou seja, regras que garantissem o enriquecimento da nação. Eram elas:

Balança comercial favorável: Para a riqueza de uma nação era necessário que esta exportasse em quantidade superior ao número de suas importações;

Estímulo às manufaturas locais: O número de manufaturas de uma nação, assim como sua diversidade, diminui a necessidade de importação, portanto, eram imprescindíveis para favorecer a balança comercial do país;

Pacto Colonial (expansão marítima): Conquistar colônias possibilitava explorar e exportar seus recursos naturais (matérias-primas) que abasteciam o comércio local e às manufaturas;

Metalismo: A riqueza de uma nação era medida pelo acúmulo de metais preciosos (ouro e prata). Esses metais preciosos eram adquiridos através de uma balança comercial favorável e pela exploração destes metais nos territórios coloniais.

Enquanto isso, no Brasil:

O absolutismo chegaria ao Brasil somente em 1808, com a transferência da Família Real Portuguesa para o país.

Mesmo com a independência em 1822, o Brasil se manteria como uma nação absolutista com Dom Pedro I e Dom Pedro II.

Absolutismo e mercantilismo na prática

Das nações absolutistas do século XVI, destacaram-se França, Inglaterra, Espanha, Holanda e Portugal. A característica comum entre esses países foi a aliança entre o monarca e a rica classe de mercadores que surgia na Europa, a burguesia.

Henrique VIII foi o primeiro dos grandes reis absolutistas europeus. Além dos 3 poderes, o rei inglês também acumulou o poder religioso.

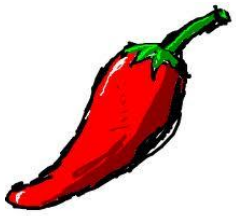
CAPÍTULO 7

Anotações

Caravelas portuguesas em expedição às Índias.

EXPANSÃO MARÍTIMA PORTUGUESA

Como estudamos anteriormente, a política mercantilista tinha regras que deveriam ser rigorosamente seguidas para que uma nação se tornasse rica. Porém, Portugal não possuía muitas manufaturas e, por esse motivo, precisava importar produtos industrializados de outros países. A saída adotada para equilibrar as finanças do país foi investir no comércio de longa distância (comércio ultramarino).



Na época das grandes navegações, a pimenta era um artigo de luxo, com grande valor comercial na Europa.

Devido a isso, Portugal criou uma vasta rede de comércio ultramarino ligando quatro dos cinco continentes.

Formas de relações comerciais portuguesa:

Relações diplomáticas: Portugal estabelecia acordos comerciais amistosos com a região em questão, eram acordos que traziam benefícios aos dois lados. Foi o caso do comércio português com Macau (China) e com o Japão.

O damasco era uma fruta muito popular na Europa.

Relações de domínio comercial: Por meio do domínio militar, os portugueses controlavam o comercio da região. Foi o caso do litoral africano.

Relações coloniais: Os portugueses controlavam totalmente a região sob seu domínio, explorando a região de acordo com seus interesses. Foi o caso do domínio português na América (Brasil).

Conquista por armas: Submissão armada da região. A conquistada por meio da guerra tornava a região de Portugal. Foi o caso do domínio exercido pelos portugueses às regiões de Ceuta (norte da África) e Calicute (Índias).

Produtos alvos da exploração comercial portuguesa:

África: ouro, trigo, cavalos, seda, açúcar, marfim, ferro, pérolas, marula e escravos.

Arábia: arroz, ferro, sal, tâmaras e damasco.

Índias: cravo, canela, noz moscada, pimenta, seda, açafrão, café e pedras preciosas.

América (Brasil): pau-brasil, açúcar, fumo, couro, aguardente, cacau e algodão.

Crise do comércio ultramarino português

Foram três os principais motivos que levaram à crise do Império comercial português:

- Concorrência comercial holandesa e espanhola;
- Dependência econômica portuguesa à Inglaterra;
- Falta de incentivos ao desenvolvimento de uma indústria manufatureira própria.

CAPÍTULO 8

Anotações

A colonização do Brasil atendeu aos interesses econômicos portugueses.

A COLONIZAÇÃO PORTUGUESA NO BRASIL

O Brasil fazia parte de um vasto império comercial controlado pelos portugueses. Contudo, Portugal só voltou seus olhos para o Brasil quando passou a sofrer com a concorrência comercial de holandeses e espanhóis.

Até meados do século XVI, a ação portuguesa sobre a colônia brasileira se restringia à extração de pau-brasil (madeira de grande valor comercial na Europa – servia como corante vermelho). Nesta fase da colonização, os portugueses adquiriam o pau-brasil por meio do escambo*, onde os portugueses ofereciam produtos (espelhos, facas, pentes) em troca do trabalho indígena. Com isso, quem cortava a madeira e a carregava para os navios eram os índios.

Glossário

*** Escambo**: Troca de bens ou serviços sem intermediação do dinheiro.

*** Monocultura**: Cultura de uma só especialidade agrícola.

Logo essa primeira ação portuguesa no Brasil se transformou no primeiro desastre ecológico do país. Pois a derrubada de milhares de árvores pau-brasil ocasionou a primeira grande devastação à mata atlântica.

Escravos carregando seu senhor.

A Economia Açucareira

Como o território brasileiro era muito grande, Portugal temia que espanhóis e holandeses invadissem partes do território colonial brasileiro. A solução, para melhor proteger os interesses lusos na América, foi incentivar a ocupação do território. Entretanto, ocupar significava colonizar e, para isso, era necessário que a colônia se tornasse numa produtora de riquezas.

Como o clima quente e úmido do litoral nordestino oferecia as condições necessárias para que se produzisse cana-de-açúcar, logo a monocultura* açucareira se tornou no principal produto de exploração portuguesa na América.

A Sociedade de Engenho estava dividida em:

- **Senhor de Engenho e sua família**: donos de tudo (terras, plantações, escravos e do lucro);
- **Funcionários**: eram poucos, mas recebiam salário e eram livres;
- **Lavradores**: eram autônomos e livres;
- **Escravos**: formavam a maioria dos trabalhadores (não tinham nenhum direito).

Porém, produzir grandes quantidades de cana-de-açúcar exigia um contingente muito grande de trabalhadores braçais, algo que Portugal não tinha como suprir por meio da colonização. A solução para o problema foi abastecer a colônia de mão-de-obra escrava. Com isso, milhares de africanos cativos desembarcaram no Brasil para suprir os canaviais com trabalhadores.

CAPÍTULO 9

Anotações

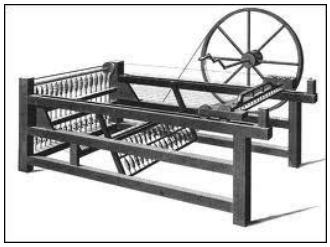
Fábrica inglesa do século XVIII.

REVOLUÇÃO INDUSTRIAL INGLESA (SÉCULO XVIII)

Revolução Industrial foi um processo acelerado de substituição da produção manual pela produção mecânica. Até meados do século XVIII, a produção de bens industriais era exclusivamente manufatureira, ou seja, uma indústria cuja produção era predominantemente manual. A partir do surgimento de maquinários, que aceleravam a produção, nasceu a Revolução Industrial.

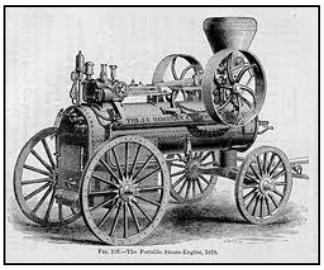
A utilização de máquinas na produção industrial iniciou por volta de 1750, com a utilização da *lançadeira volante para tear*, criada por John Kay em 1733. Essa máquina ampliou consideravelmente a velocidade da produção. Apesar de produzir em quantidade maior do que a manufatura, essa máquina ainda precisava de trabalhadores capazes de operá-la.

Em 1740, Benjamin Huntsman, inventou o *cadinho* (também conhecido como *crisol*) um recipiente resistente a altas temperaturas e que, portanto, era perfeito para a fundição do aço. A fundição de aço possibilitou a fabricação, em grandes quantidades, de peças em metal que pudessem equipar outras máquinas.



Spinning Jenny (1764) de James Hargreaves.

Assim, James Hargreaves, em 1764, inventou a *spinning jenny* (imagem ao lado), uma máquina de fiar extremamente veloz. Um ano depois, James Watt aperfeiçoou a *máquina a vapor* (que originalmente havia sido inventada por Thomas Newcomen, em 1712, com o propósito de drenar água de minas de carvão). A *máquina a vapor* de Watt permitiu a criação de maquinários maiores e mais potentes, que necessitavam de um número menor de operários.



Locomotiva a Vapor (1808) Richard Trevithick.

Entre 1768 e 1800, uma série de inventos possibilitou o nascimento de uma potente indústria têxtil (tecidos) na Inglaterra. Indústria esta, que tornou a Grã-Bretanha a maior potência mundial da época conhecida como "*oficina do mundo*" e "*senhora dos mares*". "*Oficina do mundo*", pois produzia bens de consumo industriais para todo o globo terrestre e "*senhora dos mares*" por controlar o comércio marítimo mundial.

Em 1808, Richard Trevithick criou a primeira *locomotiva a vapor*, este invento revolucionou os transportes de cargas. A partir daí, o preço do transporte despencaria, pois os trens possibilitavam o transporte de grandes cargas em uma velocidade consideravelmente mais alta do que a praticada até então.

Mas nem tudo eram rosas na Inglaterra industrial. Pois os trabalhadores viviam em péssimas condições de sobrevivência. Até o inicio da Revolução Industrial, os trabalhadores eram responsáveis por realizar todas as fases do processo de produção. Porém, a indústria dividiu os trabalhadores em áreas de atuação. Assim, criaram-se áreas onde os trabalhadores eram responsáveis por realizar apenas uma das partes do processo de fabricação. Isso permitiu ao empregador pagar um salário menor aos trabalhadores.

Também é importante afirmar que as fábricas empregavam homens, mulheres e crianças. As máquinas permitiam que crianças trabalhassem e produzissem tanto quanto um adulto, porém recebendo um salário muito menor. Com isso, as fábricas empregavam famílias inteiras pagando salários muito baixos. Os operários eram obrigados a se sujeitar a essa política já que não existiam leis de proteção ao trabalhador.

Essa situação levou o operariado a uma situação de exploração terrível, que somente melhorou com a *organização sindical* que, através de paralisações e greves, obrigou os empresários a pagarem um salário melhor a seus funcionários. Por pressão dos *sindicatos*, o governo inglês foi obrigado a criar leis de amparo ao trabalhador, tais como carga horária máxima (8 horas diárias), salário mínimo e direito a um dia de folga semanal (preferencialmente domingo).

Principais características da Revolução Industrial

Produção têxtil (tecidos): de qualidade baixa, mas muito baratos;

Maquinários grandes e de ferro: exigiam uma interação muito grande com os operários;

Energia: carvão mineral (extraído de minas subterrâneas onde os trabalhadores viviam em condições insalubres);

Matérias-primas principais: algodão e ferro;

Classe social dominante: burguesia industrial (donos das indústrias, máquinas, matérias-primas e dos lucros);

Mão-de-obra: proletário (operariado urbano).

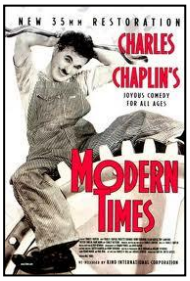
A Primeira Revolução Industrial criou uma sociedade desigual onde a classe operária vivia em péssimas condições de trabalho e moradia. Não existia uma legislação trabalhista, por isso, não havia direito à férias ou limite de idade para o trabalho, outro sério problema eram as longas jornadas de trabalho que podiam chegar até 16 horas diárias.

Anotações

Foram 3 Revoluções Industriais:

- **Primeira Revolução Industrial** (aprox. 1750): maquinários grandes e pesados movidos a vapor;
- **Segunda Revolução Industrial** (aprox. 1850): indústria do aço, utilização de combustíveis derivados do petróleo;
- **Terceira Revolução Industrial** (aprox. 1950): maquinários pequenos e de precisão, marcada pela revolução nas telecomunicações.

Dica de Filme



Tempos Modernos
(EUA, 1936, 87 min.)

O filme de Charles Chaplin é uma severa crítica a sociedade industrial. *Tempos Modernos* mostra de forma irônica a exploração a que os trabalhadores fabris estavam submetidos.

CAPÍTULO 10

Anotações

Na França do século XVIII, havia um grande descontentamento popular com relação ao governo monárquico e aos desmandos da Igreja Católica.

O ILUMINISMO

O Renascimento ao incentivar a separação entre o pensamento baseado na fé (religioso) e o pensamento baseado na razão (ciência) determinou profundas transformações no modo de pensar e agir do homem.

A isso se seguiu um movimento intelectual que abalaria as estruturas sociais da Europa e do mundo Ocidental, o Iluminismo. O Iluminismo representou a ascensão dos ideais de uma classe específica: a Burguesia.

Os precursores do Iluminismo

O racionalismo (pensamento com base na razão) e o liberalismo foram dois movimentos intelectuais que em muito contribuíram para o pensamento iluminista. Os principais pensadores destes movimentos foram:

René Descartes (1596-1650): Partia do princípio de que tudo deveria ser questionado e que somente aquilo que a razão poderia explicar era verdadeiro. Descartes acreditava que o conhecimento deveria partir de idéias que estavam no interior do próprio homem. A frase “Penso, logo existo” sintetiza seu pensamento.

John Locke (1632-1740): Foi um ferrenho opositor do Absolutismo (poder centralizado pelo rei). Para ele o homem tinha alguns direitos naturais (direito à vida, à liberdade, à propriedade) que deveriam ser assegurados por uma Constituição. Ao contrário de Descartes, Locke acreditava que o conhecimento era adquirido somente pela experiência, ao nascer o homem era como uma “tabula rasa”.

Isaac Newton (1642-1727): Procurou dar uma explicação científica a toda natureza. Para ele todos os fenômenos da natureza eram regidos por leis próprias (Leis da Física) e o papel da ciência era o de descobrir essas leis.

Ilustração de época representando os 3 Estados (clero, nobreza e povo/burguesia). Note que o Terceiro Estado (formado pelo povo e pela burguesia) carrega nas costas os outros dois Estados.

Estes pensadores colocaram em xeque a forma de pensar de sua época. Tanto a Igreja quanto os reis passaram a ter seu prestígio e poder questionado pelo povo e, principalmente, pela burguesia.

No inicio do séc. XVIII, a burguesia europeia já havia se transformado numa forte e rica classe social. Porém, ainda sem

Anotações

acesso ao poder político que continuava nas mãos dos reis. As ideias iluministas surgiram neste contexto como resposta aos problemas enfrentados pela burguesia, tais como a intervenção do Estado na economia e os limites de sua atuação política.

Inspirados no Renascimento, os iluministas propuseram uma sociedade centralizada no homem, e para isso, pregavam que este homem necessitava de direitos que lhe garantissem acesso à liberdade (inspiração em Locke).

Pouco a pouco essas ideias foram sendo difundidas nos salões parisienses. Porém, a principal arma de divulgação dos ideais iluministas foi a literatura impressa, principalmente a "Enciclopédia" editada por Diderot e D'Alembert, esta obra contou com a participação de vários intelectuais da época que tinham em comum a oposição ao Absolutismo e à Igreja.

Os principais filósofos Iluministas

Montesquieu (1689-1755): Em sua principal obra "O Espírito das Leis", Montesquieu analisa as principais formas de governo (despotismo, monarquia e república), sua ênfase recai na monarquia parlamentarista. É nesta obra que Montesquieu afirma que é necessária a separação dos poderes (Legislativo, Executivo e Judiciário). Após a Revolução Francesa, suas teorias influenciaram na formação dos Estados europeus e na constituição dos Estados Unidos da América.

Voltaire (1694-1778): Foi o mais importante dos iluministas franceses. Era um ferrenho crítico da Igreja e do Absolutismo. Por suas críticas foi exilado na Inglaterra, de onde escreveu uma de suas principais obras: "Cartas Inglesas".

Apesar de monarquista, Voltaire pregava a necessidade de participação política por parte da burguesia. Pois somente desta forma seria garantida a liberdade política e religiosa. Após a Revolução Francesa, sua obra influenciou boa parte dos Déspotas Esclarecidos.

Jean Jacques Rousseau (1712-1778): Foi o mais radical dos iluministas. Criticava tanto a monarquia quanto a sociedade burguesa, sua posição era de defesa às classes populares. Pregava uma sociedade justa onde todos seriam iguais. Essa sociedade seria governada pela soberania do povo. Ao contrário dos outros iluministas, Rousseau acreditava que a propriedade privada corrompia o homem. Para ele os homens deveriam assinar um Contrato Social onde estariam se sujeitando a vontade da maioria.

As ideias de Rousseau foram uma importante fonte de inspiração para a Revolução Francesa.

O Iluminismo e suas consequências

Os iluministas foram os influenciadores dos movimentos sociais que depois se transformariam na Revolução Francesa.

Muitas revoluções foram influenciadas pelas ideias iluministas: Revolução Francesa, Primavera dos Povos, Revoluções pela independência na América Latina, Independência dos EUA, Revolução Farroupilha, Inconfidência Mineira, entre muitas outras.

Muitos reis europeus ao sentirem-se ameaçados pelas ideias iluministas, pois temiam perder seus reinos, aderiram às ideias do movimento, estes reis ficaram conhecidos como Déspotas Esclarecidos (ver quadro ao lado).

Déspotas Esclarecidos

Ao perceberem que as ideias iluministas eram irreversíveis, alguns reis europeus aderiram ao movimento, aceitando diminuir seus poderes em troca de se manterem em seus tronos. Esses monarcas ficaram conhecidos como Déspotas Esclarecidos.

CAPÍTULO 11

Anotações

A Liberdade Guiando o Povo de Èugene Delacroix.

A REVOLUÇÃO FRANCESA

Contexto Histórico

A situação da França no século XVIII era de extrema injustiça social na época do Antigo Regime. Nessa época a França estava dividida em três Estados. O Terceiro Estado era formado pelos trabalhadores urbanos, camponeses e a pequena burguesia comercial. Os impostos eram pagos somente por esse segmento social com o objetivo de manter os luxos da nobreza.

A França era um país absolutista nesta época. O rei governava com poderes absolutos, controlando a economia, a justiça, a política e até mesmo a religião dos súditos.

A vida dos trabalhadores e camponeses era de extrema miséria, portanto, desejavam melhorias na qualidade de vida e de trabalho. A burguesia, mesmo tendo uma condição social melhor, desejava uma participação política maior e mais liberdade econômica em seu trabalho.

A população urbana francesa era chamada pejorativamente de **sans culottes** (imagem), literalmente “sem culotes”, referência às calças curtas e retas (e fora de moda) que usavam.

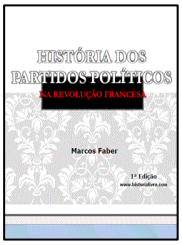
A Revolução Francesa: A Queda da Bastilha

A situação social era tão grave e o nível de insatisfação popular tão grande que o povo foi às ruas com o objetivo de tomar o poder e arrancar do governo a monarquia comandada pelo rei Luís XVI (1754-1793). O primeiro alvo dos revolucionários foi a Bastilha. A Queda da Bastilha em 14/07/1789 marca o início do processo revolucionário, pois a prisão política era o símbolo da monarquia francesa.

O lema dos revolucionários era "Liberdade, Igualdade e Fraternidade", pois ele resumia muito bem os desejos do Terceiro Estado francês.

Durante o processo revolucionário, grande parte da nobreza deixou a França, porém a família real foi capturada enquanto tentava fugir do país. Presos, os integrantes da monarquia, entre eles o rei Luís XVI e sua esposa Maria Antonieta foram guilhotinados em 1793. O clero também não saiu impune, pois os bens da Igreja foram confiscados durante a revolução.

Dica de e-Book (grátis)



A História dos Partidos Políticos na Revolução Francesa

de Marcos Faber

O livro analisa de forma bastante clara a formação dos partidos políticos durante a Revolução Francesa.

Disponível em:

http://www.historialivre.com/contemporanea/partidos_politicos_franca.pdf

Anotações

Assembleia Constituinte: A Monarquia Constitucional

No mês de agosto de 1789, a Assembleia Constituinte cancelou todos os direitos feudais que existiam e promulgou a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. Este importante documento trazia significativos avanços sociais, garantindo direitos iguais aos cidadãos, além de maior participação política para o povo. Entretanto, apesar de revolucionária, a Declaração não reconhecia a igualdade das mulheres e não lhes concedeu direitos de cidadania.

Os Partidos Políticos

Com a revolução surgem, no Terceiro Estado, os primeiros partidos políticos com opiniões diversificadas.

Girondino: Representavam a alta burguesia. Queriam evitar uma participação maior dos trabalhadores urbanos e rurais na política. Eram conservadores.

Jacobino: Representavam a baixa burguesia. Defendiam uma maior participação popular no governo. Eram revolucionários.

Planície: Em relação aos anteriores eram neutros. Em alguns momentos apoiavam os *Girondinos* noutros os *Jacobinos*.

Republicanos (cordeliers): Eram radicais. Defendiam profundas mudanças na sociedade que beneficiassem os mais pobres.

Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão (1789)

A Fase do Terror

Em 1792, após a frustrada tentativa de fuga da família real, os jacobinos e os republicanos radicais liderados por Robespierre (1758-1794), Danton (1759-1794) e Marat (1743-1793) assumem o poder e organizam as guardas nacionais. Os radicais acabam com a Monarquia Constitucional e instituem a República.

As guardas nacionais recebem ordens dos líderes para matar qualquer oposicionista ao novo governo. Muitos integrantes da nobreza e outros franceses de oposição foram condenados a morte na guilhotina. A violência e a radicalização política são as marcas desta época.

Dica de Documentário

Revolução Francesa
(EUA, 2005, 120 min.)

O documentário, do History Channel, narra os principais acontecimentos da Revolução Francesa.

A burguesia no poder: O Diretório

Em 1795, os girondinos assumem o poder e começam a instalar um governo burguês na França. Uma nova Constituição é aprovada, garantindo o poder da burguesia e ampliando seus direitos políticos e econômico.

O governo passou a ser controlado por um Diretório de cinco membros. Os jacobinos foram desligados do poder e o povo foi gradualmente sendo afastado das decisões políticas.

Foi neste contexto, que o general francês Napoleão Bonaparte (1769-1821) chegou ao poder com o objetivo de controlar a instabilidade social e implantar um governo burguês. Só que em 1799 (18 de Brumário) Napoleão deu um Golpe de Estado assume o poder da França.

CAPÍTULO 12

Napoleão em seu cavalo branco.

A ERA NAPOLEÔNICA

As constantes ameaças da Santa Aliança (Áustria, Prússia, Rússia e Inglaterra), que temiam o sucesso da Revolução Francesa, obrigaram a França a fortalecer seu exército revolucionário.

Com Napoleão no governo, a França deixou de ser atacada para atacar seus inimigos. Áustria e Prússia logo foram conquistadas. Porém, a Inglaterra, que tinha uma marinha imbatível, continuou oferecendo perigo aos franceses, que por sua vez eram imbatíveis em terra.

Para minar a Inglaterra, Napoleão declarou o Bloqueio Continental, proibindo os países do continente europeu de comercializaram com os ingleses sob pena de invasão pelo exército francês.

Portugal e Espanha, que tinham economias dependentes da Inglaterra, desobedeceram ao Bloqueio, em consequência Napoleão invadiu aos dois países em 1808.

Em 1811, foi a vez da Rússia desobedecer ao Bloqueio Continental. Com isso, Napoleão invadiu o país. Entretanto, conforme o exército francês penetrava no território russo, encontrava vilarejos e cidades abandonadas e destruídas. Os campos eram encontrados queimados, os animais mortos e os poços envenenados.

O desastre foi total. Sem suprimentos, cansados e enfrentando um rigoroso inverno, Napoleão foi obrigado a recuar, retornando à França. Dos 600 mil soldados franceses que invadiram à Rússia, somente 60 mil retornar com vida.

Derrotado e sem apoio político, Napoleão foi preso em 1815 após a Batalha de Waterloo.

Áustria, Rússia, Prússia e Inglaterra (Santa Aliança) reuniram-se no Congresso de Viena, na Áustria, com o objetivo de fazer a Europa retornar ao que fora antes das Guerras Napoleônicas. As fronteiras foram restabelecidas com as antigas monarquias, que haviam sido vencidas pelos franceses, retornando para seus tronos.

Anotações

Dica de e-Book (grátis)

A Revolução Francesa Através da Arte

de Marcos Faber

Por meio de ilustrações e reproduções de pinturas o e-book, adaptado para ser projetado por datashow, contada a história da Revolução Francesa.

Disponível em:

http://www.historialivre.com/moderna/rev_francesa_arte.pdf

Anotações

A Primavera dos Povos

Como vimos na página anterior, a Santa Aliança tentou, por meio do Congresso de Viena, eliminar as conquistas da Revolução Francesa. Entretanto, o espírito revolucionário não pôde ser extinto. Assim, entre 1830 e 1848 vários países europeus (especialmente aqueles que haviam sido invadidos por Napoleão) foram sacudidos por uma série de revoluções populares (a chamada *Primavera dos Povos*) que modificou a história da Europa e, consequentemente, da humanidade.

No campo ideológico, os movimentos tinham por base o socialismo, o anarquismo e o comunismo (especialmente nas concepções de Karl Marx e Friedrich Engels – o livro *O Manifesto Comunista* foi originalmente lançado em 1848, ano em que a maior parte das revoltas ocorreu).

Contudo, a maior parte das revoltas foi controlada, e as mudanças sociais que os movimentos revolucionários tanto haviam lutado, acabaram sendo abafados. Entretanto, a organização dos movimentos operários e camponês seria mantida, ecoando em décadas posteriores.

A *Primavera dos Povos* também se fez sentir no Brasil, com a Revolução Praieira, ocorrida na província de Pernambuco, em 1848.

A Primavera dos Povos

Itália: início do movimento que unificou o país em 1861.

Alemanha: Proliferação de movimentos operários e trabalhadores.

Áustria: devido a uma série de manifestações populares o imperador abdicou do trono em 1848. Porém, o monarca retornaria ao seu posto quatro anos depois.

Hungria: ocorrem rebeliões por todo o pais. Contudo, a Áustria invadiu a Hungria, abafando as rebeliões.

França: o rei Luís Felipe, que havia retornado ao trono após a vitória da Santa Aliança, é deposto. Napoleão III proclama o Segundo Império Francês.

Por que a Revolução Francesa é considerada um marco de nossa história? Ela realmente foi um sucesso?

Ao lermos os textos anteriores, podemos afirmar que a Revolução Francesa foi um grande sucesso, sendo um importante marco na História da nossa civilização. Pois, ela significou o fim do sistema absolutista e dos privilégios da nobreza e do clero. O povo ganhou mais autonomia e seus direitos sociais passaram a ser respeitados, com a vida dos trabalhadores urbanos e rurais melhorando bastante.

Por outro lado, durante a Revolução Francesa, a burguesia conduziu o processo de forma que garantisse seu domínio social. Assim, as bases de uma sociedade burguesa e capitalista (como se mantêm até hoje) foram estabelecidas ainda durante a revolução.

Também cabe ressaltar que a Revolução Francesa influenciou, com seus ideais iluministas, uma série de revoluções por toda a Europa (a *Primavera dos Povos*), assim como a independência de vários países da América Espanhola e, também, nos movimentos brasileiros de Inconfidência Mineira e Revolução Farroupilha. Ou seja, os ideais da Revolução Francesa estão presentes na gênese de praticamente todos os países ocidentais e orientais.

O lema da Revolução Francesa: liberdade, igualdade e fraternidade. Define muito bem o que ela significou.

No brasão que fica no centro da bandeira do Rio Grande do Sul está escrito: liberdade, igualdade e humanidade. Alusão à influência francesa aos farrapos.

CAPÍTULO 13

Família Real Portuguesa chegou ao Brasil fugindo de Napoleão.

A FAMÍLIA REAL PORTUGUESA NO BRASIL

Como vimos anteriormente, a economia portuguesa era dependente da Inglaterra, portanto, a imposição do Bloqueio Continental não tinha como ser obedecida pelos portugueses. Em represália, as tropas napoleônicas invadiram o país em 1808.

Porém, pouco antes disto acontecer, a Família Real Portuguesa, liderada pela rainha Maria I (1734-1816), a rainha louca, e seu filho Dom João (1767-1826), o príncipe regente, fugiram para o Brasil, então colônia portuguesa. Mas não foi somente a família real quem fugiu, pois praticamente todos os que tinham condições de bancar a fuga vieram para o Brasil.

A Abertura dos Portos

Uma vez na América, Dom João assinou o decreto de Abertura dos Portos às Nações Amigas (a expressão "nações amigas" pode ser entendida por Inglaterra). Esse importante documento rompia com as regras do Pacto Colonial que proibia a colônia de comercializar com outras nações que não fossem a metrópole, isto é, Portugal. A medida era resultado de negociações com a Inglaterra, mas também servia para abastecer o Brasil com mercadorias europeias.

Outra medida de extrema importância foi a elevação do Brasil a condição de Reino Unido a Portugal e Algarves. Com isso, o Brasil deixava definitivamente de ser uma colônia portuguesa para tornar-se parte importante do Império português.

Revolução Liberal do Porto

Em 1820 ocorreu na cidade do Porto, em Portugal, uma revolução liberal. Os revoltosos comerciantes portugueses exigiam o retorno do rei Dom João VI ao país e também que o Brasil retornasse a condição de colônia portuguesa, ou seja, que as regras do Pacto Colonial (a colônia somente poderia comercializar com a metrópole) fossem restabelecidas.

Pressionado pelos patrícios portugueses Dom João retornou a Portugal. Como regente da colônia ficou seu filho, Dom Pedro de Alcântara (Dia do Fico – ver quadro ao lado).

Pacto Colonial

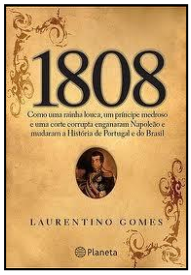
Era um sistema de leis e normas que as metrópoles empunhavam às suas colônias durante o período colonial, ou seja, as metrópoles seriam os países que se beneficiavam dos produtos e da atividade econômica de suas Colônias.

O Dia do Fico

Foi em 9 de janeiro de 1822 que Dom Pedro (1798-1834), atendendo ao apelo das elites coloniais e da população comum, decide ficar no Brasil. Essa decisão desobedecia a ordem da corte portuguesa para que voltasse a Portugal.

"Se é para o bem de todos e felicidade geral da Nação, estou pronto! Digam ao povo que fico".

Dica de Livro



1808: Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a História de Portugal e do Brasil

de Laurentino Gomes

Um Best Seller nacional que narra os motivos de a Família Real Portuguesa mudar-se para o Brasil em 1808.

CAPÍTULO 14

Em 07 de setembro de 1822 Dom Pedro I proclama a Independência do Brasil.

O BRASIL IMPÉRIO

Como príncipe regente do Brasil, Dom Pedro passou a sofrer pressões da corte portuguesa, que desejava aplicar, sobre o país, as regras do Pacto Colonial. Se isso ocorresse, o Brasil retornaria a condição de colônia de Portugal. Por outro lado, as elites coloniais pressionavam Dom Pedro para que a independência fosse proclamada.

Diante deste impasse, Dom Pedro, que retornava de uma viagem a Santos, estando às margens do riacho Ipiranga, proclamou a independência do Brasil (cena imortalizada por Pedro Américo no quadro *Independência ou Morte,* imagem acima – ver também texto complementar 3).

A Consolidação da Independência

Uma vez independente, o nascente governo brasileiro necessitava vencer a resistência interna e obter o reconhecimento internacional. Outra medida necessária era a elaboração de uma Constituição própria para o país.

<u>Principais Leis da Constituição de 1824</u>

- Dividiu dos 3 poderes (executivo, legislativo e judiciário);
- Criou do Poder Moderador: dava poderes ao imperador para intervir nas decisões dos outros 3 poderes, por esse motivo, ficou conhecido como 4º poder;
- Instituiu o catolicismo como religião oficial e obrigatória;
- Estabeleceu do voto censitário (baseado na renda) e não secreto.

Por tudo isso, a Constituição de 1824 pode ser rotulada de antidemocrática e arbitrária, já que foi promulgada* para atender apenas aos interesses do imperador de das elites coloniais.

Contudo, em 1831, com a morte do rei Dom João VI, o trono de Portugal ficou vago. Com isso, partidários de Dom João passaram a exigir o retorno de Dom Pedro à Europa para que assumisse o trono. Como sofria severa oposição das elites agrárias devido à crise econômica, Dom Pedro resolveu retornar

Anotações

Glossário

*** Promulgar**: Fazer promulgação de; declarar (o poder executivo de uma nação) a autenticidade de uma lei, ordenando e providenciando para que ela seja cumprida.

Dica de Quadrinho (HQ)

Da colônia ao Império: um Brasil para inglês ver

de Lilian Moritz Schwartz e Miguel Paiva

Excelente ferramenta para compreender de forma clara e direta (e cheia de irreverência) o período imperial brasileiro.

Anotações

para Portugal, deixando seu filho Pedro de Alcântara (1825-1891), então com 6 anos de idade, como regente.

O Período Regencial (1831-1840)

Como Pedro de Alcântara somente assumiria o trono quando alcançasse a maioridade, o governo brasileiro ficou nas mãos de regentes, escolhidos entre as elites coloniais brasileiras.

Durante o Período Regencial, as ricas elites agrárias nordestina (ligadas ao cultivo da cana-de-açúrcar) e paulistas (barões do café) comandaram o Brasil.

Entretanto, nas províncias mais afastadas havia um grande descontentamento. Influênciados pela Revolução Francesa, ocorreram várias revoltas denominadas Rebeliões Regenciais.

Entre as Rebeliões Regenciais destacaram-se: Revolta dos Malês (Bahia, 1835); Balaiada (Maranhão e Piauí, 1838-1841); Sabinada (Bahia, 1837-1838) e Revolução Farroupilha (Rio Grande do Sul, 1835-1845).

Todas as rebeliões tinham em comum:

- Um grande descontentamento com os descasos da política regencial para as províncias;
- Inspiração em ideais republicanos (iluministas).

Golpe da Maioridade e o início do Segundo Império

Por tudo isso, o período regencial foi marcado por uma grande insatisfação popular, inclusive na capital. Afinal, se não havia um monarca no comando do Império, não existiam motivos para que ele fosse mantido.

Com isso, em 1840, para conter o avanço dos ideais republicanos no Brasil, a maioridade de Dom Pedro foi antecipada. Assim, aos 14 anos, Dom Pedro II foi coroado imperador do Brasil. O Golpe da Maioridade marcou o início do Segundo Império.

Apesar do Golpe da Maioridade ter colocado Dom Pedro II no trono do Brasil, na prática quem continuou governando o Império foram os mesmos grupos políticos que haviam comandado o país durante o período regencial.

Nesta época, esses grupos políticos estavam divididos em dois partidos políticos: Partido Liberal e Partido Conservador. Partidos que na prática tinham poucas diferenças, pois representavam apenas aos interesses das ricas elites nacionais.

Entretanto, com o passar do tempo, Dom Pedro II foi pouco a pouco assumindo as rédeas da política nacional, porém, recebendo o apoio dos mesmos grupos políticos que desfrutavam do poder desde o período colonial.

Dom Pedro de Alcântara ainda menino.

Dom Pedro II, ainda muito jovem, já como imperador do Brasil.

Texto Complementar 1

POLÍTICA X COPA DO MUNDO: "PREOCUPADO MESMO EU ESTOU COM O LE PEN"!

Marcos Emílio Ekman Faber

Em 2006, o ultraconservador Jean-Marie Le Pen, candidato à presidência da República na França pela Frente Nacional, apareceu com um discurso onde defendia uma França dos franceses, ou seja, sem negros, sem orientais, sem árabes e sem estrangeiros.

Le Pen defendia uma França nascida da aliança entre Clóvis, rei dos Francos, e a Igreja Católica Apostólica Romana. Para ele, ser francês é descender desta aliança, portanto, Le Pen defendia que os "novos franceses", principalmente imigrantes das ex-colônias não deveriam ter acesso à cidadania francesa.

Neste mesmo ano, aconteceu a Copa do Mundo da Alemanha.

Como sempre, existia muita esperança de que a seleção brasileira vencesse essa copa. Na verdade, para a grande maioria da crítica brasileira, havia a certeza de que o Brasil seria o campeão.

Alguns críticos chegavam a apontar àquela seleção como a maior desde o escrete de 1970. Chegaram a comparar Ronaldinho Gaúcho a Pelé.

O "quarteto mágico" formado por Kaká, Ronaldinho Gaúcho, Adriano 'Imperador' e Ronaldo 'Fenômeno' era apontado como imbatível. Alguns exaltados chegavam a defender um "quinteto mágico" com o acréscimo de Robinho. Esses críticos esqueciam que futebol, como tudo na vida, necessita de equilíbrio, portanto, faltavam volantes àquela seleção.

Deu no que deu! A seleção brasileira não jogou nenhuma partida bem, na verdade jogou muito mal em todos os jogos e acabou sendo eliminada pela França de Zinedine Zidane, Lilian Thuram e Thierry Henry.

Como sempre se buscou um culpado para a derrota. Afinal, "o Brasil é tão superior aos demais que quando perde, perde para si mesmo", se a frase não fosse absurda, seria cômica. A caça às bruxas elegeu o ala-esquerda Roberto Carlos como o culpado pela eliminação. Diversos veículos de comunicação destinaram grandes espaços de seus preciosos horários para discutir os motivos da eliminação brasileira na copa.

Notícias sobre a eleição presidencial, que ocorreria em poucos meses, como de costume, foi deixada para depois da Copa. Afinal, se tradicionalmente o ano no Brasil inicia após o carnaval, em ano de copa, o ano começa em julho.

Mas sobre a frase entre aspas no título desta coluna, ela é do jogador de futebol francês Lilian Thuram, membro da seleção francesa, e sintetiza o real lugar do futebol em nossa sociedade, ou seja, o futebol não é tão importante quanto se pensa!

Ao ser questionado por um jornalista se ele estava preocupado com a partida com o Brasil, que ocorreria no dia seguinte, Thuran respondeu "Preocupado mesmo, eu estou com o Le Pen!", ou seja, **futebol, um esporte, é apenas entretenimento, o importante mesmo é o que será de nosso país**.

A resposta de Thuram (que é negro, nasceu em Guadalupe, distrito ultramarino francês no Caribe) endereçada ao candidato Le Pen, simboliza uma luta ideológica que ocorre na França ainda hoje, entre os que defendem uma França histórica herdeira do Império Merovíngio (fundado pelo rei Clóvis I, século VI) e os que defendem uma França histórica herdeira da

Revolução Francesa de 1789. Enquanto o primeiro grupo exclui os que não são etnicamente herdeiros deste passado, o segundo, defende que todos os franceses são iguais, pois o lema dos revolucionários 'Liberté, Egalité, Fraternité" (Liberdade, Igualdade e Fraternidade) garante a todos os franceses os mesmos direitos, para os integrantes deste grupo, os seguidores de Le Pen são resquícios de uma França que não existe mais desde a Revolução de 1789 e que, portanto, devem ser combatidos por representarem um perigo à República francesa.

Se para Thuram, a partida de quartas-de-final contra o Brasil era menos importante do que o embate político francês, no Brasil ocorria o contrário, aqui a política era deixada de lado para que se discutissem os motivos da prematura eliminação do país da Copa de 2006.

Discussão inútil, pois se nós brasileiros fossemos menos arrogantes no que se refere ao futebol, não buscaríamos os motivos da eliminação dentro do Brasil, mas sim, na seleção francesa, que na verdade era muito melhor do que a nossa. Assim como Zidane era melhor do que os 5 mágicos brasileiros, que de mágica mesmo somente fizeram o futebol do time desaparecer.

Hoje, fevereiro de 2011, se discute a mesma coisa com a prematura eliminação do Corínthians da Libertadores da América, curiosamente com Roberto Carlos e Ronaldo 'Fenômeno' no centro das discussões. Mas o que ninguém faz é discutir a rede de corrupção que se eterniza no comando do clube paulista à décadas.

Texto Complementar 2

TARTUFO DE MOLIÈRE E O COMPLEXO DE SUPERMAN

Marcos Emílio Ekman Faber

Domingo (05 de junho) eu e Fernanda, minha esposa, fomos assistir à peça *Tartufo*, de Molière (1622-1673), encenado pelo Grupo Farsa de Porto Alegre. Pela primeira vez fomos ao Teatro de Câmara (Túlio Piva). A peça, uma excelente adaptação atualizada aos nossos dias, é a segunda parte da trilogia "*As Três Batidas de Molière*" das quais *O Avarento*, também excelente, foi a primeira.

Tartufo nos conta a história de Orgon, um abastado aristocrata francês e sua família, que têm a união ameaçada pela interferência do personagem título. Este último, um falso líder religioso, faz uso da fé de Orgon em seu benefício, lhe tirando tudo o que consegue alegando ajudar aos necessitados. As maquinações de Tartufo cegam seu benfeitor ao ponto de Orgon lhe destinar todos os bens que possui. A família do aristocrata, desesperada com a devoção do patriarca pelo falsário, tenta de todas as formas revelar a verdadeira face do enganador. Mas Tartufo sempre consegue reverter as situações em benefício próprio, ganhando cada vez mais a simpatia de Orgon. O patife somente é desmascarado quando Elmira, esposa do beato, seduz o farsante. Ao cair na armadilha, a verdadeira face de Tartufo é revelada. E Orgon, desiludido, expulsa Tartufo de sua casa. É a redenção da família com Orgon.

Quando estreou em Paris em 1664, *Tartufo* era uma severa crítica ao poder que a Igreja Católica tinha sobre a sociedade francesa do século XVII. Por esse motivo, a peça chegou a ser censurada por um breve tempo. Mas, a crítica presente em *Tartufo*, ainda é válida hoje, sobreviveu aos tempos, chegando vívida aos nossos dias. Pois, muitos ainda vivem de explorar a fé alheia, não somente por meio de seitas sem escrúpulos, mas por todo tipo de "profetas" e "gurus" da autoajuda e, também, por aqueles que prometem soluções mágicas, seja pelo emagrecimento acelerado ou por um rejuvenescimento por meio cirúrgico.

Enquanto saía do teatro, lembrei-me da música "*Superman*" da banda de *hard rock* Fruto Sagrado. "*Tenho visto tanta coisa errada nesta estrada / Muito falso herói se achando o tal / Iludido com aplausos, elogios... com o pedestal / Até eu já vacilei, dei bobeira, viajei / Esqueci que levo tombo como qualquer um / Esqueci que levo tombo, esqueci que sou normal / Alguém aqui é normal*?". E, no refrão, prossegue "*Eu sou diferente, igual a todo mundo / Sem Você eu não sou ninguém / Eu sou igual a todo mundo / Não existe superman*". Não somos autosuficientes e muito menos devemos seguir somente a homens.

E o grande mérito de *Tartufo* está exatamente aí, pois Molière, e o grupo Farsa, nos lembram de que não podemos depositar nossa fé devocional em homens. Afinal, homens falham, são gananciosos e corrompem-se. Por isso, precisamos entender a diferença entre fé e religião. Religião é uma construção humana, é feita por seres humanos. Vem do latim "*religio*" e quer dizer religar-se. Portanto, religião é uma busca.

Já a fé vai além. Fé é o caminho que nos conduz àquilo que nossos olhos não podem ver. A fé é muito mais do que religião, desde que, claro, seja depositada em Deus. "*Agora eu tô sabendo / Que o sofrimento é um megafone / É Deus pra mim gritando que eu não sou super-homem / Que eu sou de carne e osso que eu vou passar sufoco / Agora eu não esquento não vou esconder meu choro / Afinal eu sou um cara comum / Que também leva tombo como qualquer um / Que tropeça, levanta mas não sai da dança / Tropeça, levanta e não sai da dança*". Uma pessoa de fé é insistente, não desiste e sabe que é falha. Afinal, não existem *supermans.*

Se a **religião é uma busca**, a **fé é uma certeza**.

Em dias *escuros* como os nossos, em que seguimos – via twitter, facebook, orkut e outros – comediantes, pornostars, jogadores de futebol, músicos e uma série de *celebridades* que não nos acrescentam nada, não seria o monento de abandonarmos todos esses *tartufos* para seguirmos alguém que valha a pena?

Fica a dica, vá ao teatro, e, principalmente, não perca a fé.

Texto Complementar 3

O QUE É REVOLUÇÃO DE FLORESTAN FERNANDES E A REVOLUÇÃO FARROUPILHA

Marcos Emílio Ekman Faber

No início dos anos 1980, Florestan Fernandes publicou um pequeno livro, pela editora Brasiliense, chamado *O que é Revolução*. Apesar de todo o tempo que se passou desde então, o livro continua sendo uma referência sobre o tema. Nele, Florestan escreveu que "a palavra revolução encontra empregos correntes para designar alterações contínuas ou súbitas que ocorrem na natureza ou na cultura. No essencial, porém, há pouca confusão quanto ao seu significado central: mesmo na linguagem de senso comum, sabe-se que a palavra se aplica para designar mudanças drásticas e violentas da estrutura da sociedade. Daí o contraste frequente de "mudança gradual" e "mudança revolucionária" que sublinha o teor da revolução como uma mudança que "mexe nas estruturas", que subverte a ordem social imperante na sociedade".

Ainda, segundo o autor, "há uma tendência a tornar a revolução um fato “mítico” e “heroico”, ao mesmo tempo *individualizado* e *romântico*. Várias tradições convergem no sentido de anular o papel por assim dizer de suporte e instrumental das massas e salientar as figuras centrais, por vezes as “figuras heroicas e decisivas”. A burguesia cedeu a essas tradições e fomentou-as, a tal ponto que sua historiografia, mesmo quando busca os fatores externos, concentra-se no “culto aos heróis” e dá relevo aos papéis criadores dos “grandes homens”. A historiografia marxista nunca anulou a importância da personalidade nos processos históricos. O que distingue o marxismo, a esse respeito, é a tentativa de compreender a revolução como um fenômeno sociológico de classe".

Assim, *revolução* é um processo de transformação profunda das estruturas políticas e sociais de uma nação. A partir desta definição podemos refletir se a Revolução Farroupilha foi realmente uma revolução ou apenas uma rebelião regencial, como tantas outras que ocorreram, neste mesmo período, em outras regiões do Brasil.

Para isso, precisamos analisar sobre quais foram os motivos originais deste levante armado.

Em primeiro lugar, os lideres farroupilhas (membros da oligarquia gaúcha) eram grandes estancieiros que desejam ampliar seus lucros. Para isso, eles exigiam a redução dos impostos sobre o charque, principal produto gaúcho da época. Em segundo lugar, em nenhum momento os líderes farroupilhas desejavam profundas transformações na política ou na sociedade escravocrata local.

Entretanto, conforme a luta armada se prolongava, os líderes farroupilhas passaram a adotar medidas que realmente levaram o movimento em direção de se tornar numa revolução. Aboliram a escravidão dos que se alistassem no exército farrapo e proclamaram a República Rio-Grandense (lembre-se que, nesta época, o Brasil era uma monarquia).

Assim, se a insurreição gaúcha de 1835 iniciou como um levante oligárquico elitizado, logo se tornou uma revolução armada. Porém, como sabemos, terminou com a assinatura do Tratado de Ponche Verde (1845) que aboliu muitas das conquistas revolucionárias dos farrapos.

Texto Complementar 4

A CONSTRUÇÃO DE UM MITO: A INDEPENDÊNCIA OU MORTE DE PEDRO AMÉRICO

Cláudia Valladão de Mattos – Revista História Viva

Em 1885, morando na Florença, Pedro Américo recebeu a notícia da construção de um monumento memorial à Independência na colina do Ipiranga e se ofereceu para realizar um painel retratando o evento, para ser colocado dentro do edifício. Não é difícil reconhecer na obra de Pedro Américo a versão difundida pelo padre Belchior:

“Dom Pedro caminhou alguns passos (...) de repente estancou-se já no meio da estrada dizendo-me: padre Belchior, eles querem, terão a sua coroa. (...) De hoje em diante estão quebradas as nossas relações; nada mais quero do governo português e proclamo o Brasil para sempre separado de Portugal. Respondemos imediatamente com entusiasmo: - Viva a liberdade! Viva o Brasil separado! Viva d. Pedro I! (...) O príncipe, diante da guarda, [arrancou] do chapéu o laço azul e branco (sic), decretado pelas Cortes como símbolo da nação portuguesa, atirando-o ao chão, dizendo: - Laços fora soldados! Viva a Independência do Brasil! (...) desembainhou a espada, no que foi acompanhado pelos militares; os paisanos tiraram os chapéus. E d. Pedro disse: - Pelo meu sangue, pela minha honra, pelo meu Deus, juro fazer a liberdade do Brasil. – Juramos, respondemos todos! D. Pedro (...) ficando de pé nos estribos: - Brasileiros, a nossa divisa de hoje em diante será Independência ou Morte! Firmou-se nos arreios, esporeou sua bela besta baia e galopou, seguido por seu séquito, em direção a São Paulo”.

Ao enfatizar a ação heróica de d. Pedro I (imagem 1), Pedro Américo compôs um quadro que reagia às circunstâncias postas por seu próprio tempo. Valorizando a imagem do pai de d. Pedro II como líder da nação, seu quadro visava contribuir para a estabilização da imagem de um império em crise, às portas de sua extinção.

Olhemos então o quadro. A composição apresenta uma organização rigorosamente geométrica, marcada por dois grandes semicírculos, que evoluem respectivamente do centro da tela, para a direita e para a esquerda, em direção à base da pintura. Ao longo desses semicírculos se dá a distribuição das figuras e demais elementos da narrativa. Deslocando ligeiramente para a esquerda, em segundo plano, vemos d. Pedro I, levantando a espada, seguindo por cavaleiros de seu séquito, que saúdam o gesto acenando com chapéus e lenços (imagem 2). Ao longo do semicírculo à esquerda, um caipira pára seu carro de boi para observar a cena (imagem 3 – abaixo).

O caipira é a figura de identificação do observador, tanto por sua posição, quanto por seu tamanho e proximidade. O artista apresenta d. Pedro como um estadista determinado, que não mede esforços para realizar seu ideal. A associação com Napoleão é evidente, o que se confirma também pela semelhança da composição de “Independência ou Morte!” com a versão da “Batalha de Friedland” (imagem 4 – abaixo) pintado por Ernst Meissonier, hoje pertencente ao Metropolitan Museum de Nova York.

A Representação da grandeza de d. Pedro I expressa-se formalmente na obra através do desnível (real e simbólico) entre o caipira e o príncipe, mas principalmente pela estrutura narrativa da composição. Frente a frente com d. Pedro, um pouco acima do riacho situado na base do quadro, encontramos um cavaleiro da sua Guarda de Honra, que, dando as costas ao espectador, responde ao brado do príncipe arrancando de sua farda o laço vermelho e azul que simbolizava a união entre o Brasil e a metrópole (imagem 5). O eixo formado por essas duas figuras constitui o núcleo discursivo básico da representação.

À direita do quadro vemos a guarda e d. Pedro, que, tomada de surpresa pela chegada inesperada do príncipe, procura rapidamente montar seus cavalos e entrar em formação (imagem 6). Pedro Américo impingiu grande movimento à massa de figuras que compõem essa mentalidade de tela, caracterizando a ansiedade e a tensão que precederam a proclamação da independência, assim como o entusiasmo com que foi recebida.

A obra representa o desfecho dramático de um acontecimento heróico, concebido como resultado da bravura de um só homem, o qual, com o seu exemplo, fundaria uma nova ordem política e moral. Esta, por sua vez, também já se encontrava esboçada no quadro, correspondendo de perto aos ideais da elite do Império e às idéias do próprio imperador d. Pedro II.

A composição deixa vislumbrar uma estrutura piramidal de poder, na qual a noção de soberania encontra-se associada à preservação de uma elite política e intelectual, sintetizada na figura do monarca, e apoiada por um exército poderoso. Nesta estrutura o "povo brasileiro", representado pelo caipira, não tem nenhum papel ativo a desempenhar depositando de bom grado seu destino nas mãos do soberano. Quão distante estava essa imagem da real condição vivida por d. Pedro II!

Na década de 1880, o imperador, doente e esgotado, procurava manter vivo um império em crise e na iminência de seu desaparecimento. A abolição da escravidão, em 1888, rompera a aliança do governo com as elites do império. Já a insubordinação dos militares, insatisfeitos com sua posição social após a Guerra do Paraguai, e cooptados pelos positivistas e republicanos, compunha um quadro que poderia ser considerado o avesso da representação de Pedro Américo. Certamente a imagem de um soberano determinado, forte e capaz de controlar seus súditos era bem-vinda naquele momento, como forma de compensar a realidade que saía do controle. De fato, a República se aproximava.

O quadro de Pedro Américo é, sem dúvida, um testemunho de seu tempo. O tratamento do tema explica-se mais pelo contexto do Segundo Império do que por sua fidelidade aos eventos que levaram à Independência do Brasil.

A posição que a obra passou a ocupar a partir de 1895 no interior do Palácio-Monumento construído por Bezzi no Ipiranga deu-lhe um lugar especial na memória da nação. Sua presença continuada no espaço que se tornou o epicentro das comemorações cívicas da Independência ajudou a destacar a imagem de seu contexto de criação, dando a ela uma aura de "verdade". Em sua posição estratégica, no coração do Museu, tornou-se peça-chave para a consolidação do 7 de Setembro como a data por excelência do nascimento do Brasil, legitimando uma história que começou de forma bem diferente. (fonte: Revista Historia Viva, no. 33, agosto de 2007).

Texto Complementar 5

PERSÉPOLIS DE MARJANE SATRAPI E AS RAZÕES DA INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

Marcos Emílio Ekman Faber

Nas férias assisti ao filme francês *Persépolis* (*Persepolis, França, 2007*), longa metragem de animação baseado na *graphic novel* de mesmo nome de Marjane Satrapi. O filme, assim como a

HQ, é narrado na primeira pessoa e conta de forma autobiográfica a história da autora, uma iraniana de classe média que presenciou a Revolução Iraniana de 1979 e todos os seus desfechos, especialmente a derrubada do Xá Reza Pahlevi, um ditador apoiado pelo Ocidente, e a fundação da República Islâmica do Irã, que, por sua vez, era anti-Ocidente.

Na trama Marjane descreve todos os problemas enfrentados pelos membros de sua família após a tomada de poder pelos fundamentalistas islâmicos, a autora narra especialmente a perseguição que alguns de seus parentes, membros do partido comunista, sofreram, sendo presos, torturados e mortos.

Apesar dos dramas familiares, Marjane, que em 1979 era uma criança, cresce como uma adolescente normal. Pensa em meninos, escuta música (inclusive *heavy metal*) e sonha com o futuro. Entretanto, o início da *Guerra Irã-Iraque* obriga seus pais a enviá-la para à Áustria.

Na Europa, Marjane conhece um novo mundo. Experimenta álcool, drogas, sexo e a desilusão. Após um período de descobertas, alegrias e frustrações, a jovem retorna ao Irã. Em sua terra natal não existe mais guerra. Mas o Estado islâmico controla tudo. As mulheres são obrigadas a usar um véu sobre a cabeça e roupas que cobrem o corpo todo, apenas as mãos e o rosto podem ficar descobertos.

Apesar dos homens terem mais liberdade, inclusive para se vestirem, muitas outras coisas são proibidas: bebidas alcóolicas, maquiagem, pornografia, manifestações públicas e a chamada literatura ocidentalizada são consideradas ilegais, quem for pego portando alguma dessas coisas é preso. Não existe liberdade de pensamento. As proibições ocorrem em nome da Religião. Tudo acontece em nome da fé.

Em meio a tudo isso, Marjane não consegue entender que tipo de fé é essa que impede que as pessoas pensem por si mesmas. Afinal, que direitos as autoridades políticas tem para definir o que é bom ou ruim para os indivíduos. Para piorar, a maioria dos membros do governo ou dos órgãos de controle sequer possuem instrução adequada para exercerem suas funções.

Contudo, a intolerância religiosa demonstrada no filme (e na HQ) não se refere apenas à religião ou a fé, mas aos costumes. As autoridades iranianas acreditavam, como talvez ainda acreditem, que é obrigação da religião, e do Estado, estabelecer o que deve ou não ser celebrado, o que deve ou não ser lembrado e assim por diante, independente do que acreditem ou pensem os indivíduos. **Para os seguidores dessa forma de pensar a fé não é uma escolha, mas uma imposição.**

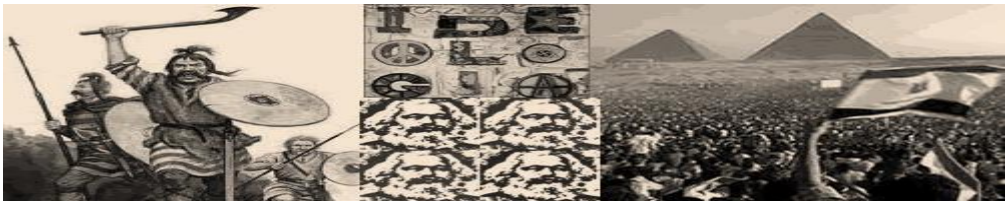
Curiosamente, mesmo em nossos dias, algumas lideranças religiosas ainda pensam assim. Acreditam serem os donos da verdade e, que por esse motivo, todos devem lhes ouvir e seguir. Se fossem eleitos para governar nosso país iriam impor sua crença e condenar todos os que pensassem diferente deles, igualmente ao caso dos iranianos. Pessoas assim não se preocupam com a liberdade de escolha dos outros, pois não acreditam em *livre arbítrio*.

Esse é o grande problema de uma fé irracional, ou seja, sem fundamentos, sem raízes. Uma fé que se baseia apenas em interpretações pessoais sobre o que é certo ou errado. Uma fé que não possui profundidade, que não segue a um ou mais livros sagrados, mas é baseado em “revelações” ou em interpretações que um “profeta” fez sobre fragmentos de um livro sagrado – isso quando o tal livro foi consultado, o que nem sempre acontece. É por isso que agem de forma tão mesquinha e autoritária, pois não sabem como lidar com as diferenças e muito menos com as críticas. Assim sendo, a oposição torna-se perigosa, pois pode desmascaram a ignorância dessas autoridades religiosas.

Por tudo isso, Marjane não se enquadrava mais na sociedade iraniana, pois já havia conhecido um mundo onde as fronteiras geográficas e ideológicas já haviam ultrapassado em muito as do Irã.

Ler ou assistir *Persépolis* é sem dúvida um exercício indispensável para conhecermos um pouco mais sobre o Irã, uma das nações mais *auto isoladas* do mundo, e também para refletirmos sobre nossa forma de ver e entender os outros, principalmente quando pensam diferentes de nós.

Texto Complementar 6



O REINO DOS FRANCOS, CAZUZA, KARL MARX E A IDEOLOGIA

Marcos Emílio Ekman Faber

Numa certa manhã do século VI, o grande Clóvis, rei dos francos, acordou inquieto, chamou seu cavalariço e, antes do desjejum, cavalgou até a montanha mais alta de seu reino. De lá o rei pôde observar as mais longínquas fronteiras de seus domínios. Clóvis havia lutado muito para unificar as várias tribos germânicas que agora estavam sob seu comando.

Mas Clóvis sabia que faltava algo.

O reino dos francos era como uma muralha feita de pedras sobrepostas, porém, sem que houvesse argamassa que solidificasse o muro. Assim, se algum dos tantos inimigos arremetesse contra os francos, o muro ruiria. Clóvis sabia que a exemplo da muralha, as diversas tribos bárbaras que estavam debaixo de sua autoridade poderiam se desunir a qualquer momento. Clóvis necessitava criar algo que não só legitimasse seu domínio, mas que garantisse a união entre as tribos francas.

Nos anos 1980, um jovem músico brasileiro chamado Cazuza tinha a mesma inquietação de Clóvis.

Cazuza vivia numa sociedade muito mais complexa do que a do rei franco. Na época de Cazuza, a sociedade de consumo já dominava o país. O consumismo passava a ser quase uma religião, com a economia mundial girando em torno dela. Consumir se tornou status, quanto mais consome, mais importante é o individuo na sociedade. Porém, o principal malefício da sociedade de consumo está na alienação. Principalmente dos jovens que perdem a perspectiva sobre o futuro e passam a viver somente o presente.

Foi dentro desta perspectiva alienante, que Cazuza escreveu uma das músicas de maior importância para o cenário musical brasileiro dos anos 1980. “Ideologia” era uma crítica aos jovens daquele tempo. Apesar da origem burguesa, Cazuza conhecia a juventude brasileira dos anos 1960 e 1970, uma juventude que tinha protestado contra a ditadura, que havia lutado em guerrilhas e que buscava uma alternativa para o país. Mas ele também sabia que essa juventude tinha sofrido severas represálias por conta de tudo isso. Os jovens daquela época, mesmo que fossem a minoria, tinham suas convicções e lutavam por elas.

Ciente disso, Cazuza cantava de forma melancólica “*ideologia, eu quero uma pra viver*”, pois identificava na juventude brasileira dos anos 1980 uma alienação política muito perigosa para o futuro do Brasil. Para ele, os jovens de seu tempo, não tinham as mesmas convicções das épocas anteriores. Não lutavam por um mundo melhor, apenas se deslumbravam com o mundo que tinham pela frente. Os jovens brasileiros dos anos 1980 agonizavam pela falta de ideais de futuro e apenas aceitavam o mundo como ele era.

Mesmo assim, a música logo chegou ao topo das listas de rádios e programas televisivos. Muitos brasileiros cantarolavam o refrão, mesmo sem entender o real significado do que cantavam.

Outra pessoa que escreveu sobre a importância da ideologia foi Karl Marx.

No século XIX, Marx escreveu um livro ao qual batizou de “A Ideologia Alemã”, nele o pensador alemão afirmou que existe uma força invisível capaz de controlar a sociedade. Força esta que age nos fazendo acreditar que pensamos por nós mesmos, quando na verdade nossos desejos e ideias procedem desse poder que nos faz pensar de acordo com o que ele quer que nós pensemos. Esse poder, que é social, Marx chamou de *ideologia*.

Mas Marx não parou por ai, o pensador alemão afirmou também que **sempre que a ideologia apresenta deformidades ou desgastes, torna-se necessário buscar uma alternativa, surgindo a oportunidade para o nascimento de uma nova ideologia**.

Mas, voltando à história inicial. Lá do alto da montanha, Clóvis teve uma brilhante ideia que mudou a Europa e a civilização Ocidental para sempre. Clóvis percebeu que o cimento que uniria as diversas tribos germânicas debaixo de sua autoridade era a religião cristã e seu severo código de ética.

Até essa época os francos ainda cultuavam uma grande diversidade de deuses, em sua maioria deuses tribais. Cada uma das tribos germânica tinha seu deus protetor e obedecia a tradição de leis ancestrais. Clóvis percebeu que se os francos cultuassem um só deus, um deus que os unisse em sua devoção, eles aceitariam melhor a ideia de servirem a um só rei e, assim, a um código de leis unificado.

Um só deus, um só rei.

Foi dessa forma que Clóvis selou sua aliança com o papa e a Igreja Católica. O rei franco foi batizado, assim como todos os seus generais, e o cristianismo tornou-se a religião oficial do reino. Essa aliança representou o nascimento do maior de todos os reinos cristãos da Idade Média.

Sem que os chefes tribais percebessem, Clovis criou um forte aparelho de Estado que possibilitou a construção do Império Merovíngio que, anos depois, se transformaria no Sacro Império Romano, o maior império do mundo Ocidental desde Roma.

Clóvis não deixou passar a oportunidade e agiu transformando um pequeno reino no maior império de sua época.

Hoje (março de 2011), assistimos pela internet, rádio, jornais e televisão à queda de uma série de ditadores no mundo islâmico (Mubarak no Egito, Kadafi na Líbia e Ben Ali na Tunísia), tiranos que estavam no poder por décadas. Mas a derrubada desses regimes não ocorreu de uma hora para outra, foram necessários anos de preparação. Os movimentos reformadores vinham sendo construídos havia tempos, arregimentando milhares de seguidores ano a ano, principalmente entre os jovens (sem dúvida a maioria dos manifestantes). Jovens que lutam por um futuro melhor para si e para seus países, não aceitando mais a ausência de liberdade e a inexistência de participação política.

Mas e no Brasil?

Como afirma a música de Cazuza, será que nossas "*ilusões estão todas perdidas"*? Nossos *"sonhos foram todos vendidos*"? Afinal, "*aquele garoto que ia mudar o mundo; agora assiste a tudo em cima do muro*".

O que faremos a respeito?

Texto Complementar 7

O QUE É REVOLUÇÃO

Marcos Emílio Ekman Faber

Geralmente a palavra "revolução" é empregada para se referir a algum tipo de mudança radical e profunda em uma determinada área da sociedade. Por exemplo, quando alguns especialistas em *Rock n' Roll* se referem a Elvis Presley ou John Lenon

afirmam que eles *revolucionaram* a música popular nos Estados Unidos e na Inglaterra respectivamente. Já especialistas em arte podem afirmar que Michelângelo e Van Gogh foram responsáveis por *revolucionarem* a pintura e as artes em suas épocas.

A partir destes exemplos podemos afirmar que a palavra *revolução* é uma referência a uma mudança brusca e radical em alguma esfera da sociedade.

Mas será que é só isso?

No início dos anos 1980, Florestan Fernandes publicou um pequeno livro, pela editora Brasiliense, chamado *O que é Revolução*. Apesar de todo o tempo que se passou desde então, o livro continua sendo uma referência sobre o tema.

No livro Florestan Fernandes escreveu que "a palavra revolução encontra empregos correntes para designar alterações contínuas ou súbitas que ocorrem na natureza ou na cultura. No essencial, porém, há pouca confusão quanto ao seu significado central: mesmo na linguagem de senso comum, sabe-se que a palavra se aplica para designar mudanças drásticas e violentas da estrutura da sociedade. Daí o contraste frequente de "mudança gradual" e "mudança revolucionária" que sublinha o teor da revolução como uma mudança que "mexe nas estruturas", que subverte a ordem social imperante na sociedade".

Para Florestan Fernandes revolução é um processo de transformação profunda nas estruturas políticas e sociais de uma nação.

Assim, a Revolução Francesa foi um ótimo exemplo de revolução. Pois na França ocorreu uma insurreição armada que transformou completamente a sociedade e a política do país. A monarquia absolutista foi derrubada e a República instaurada.

Quanto a nova Constituição francesa, denominada de Declaração Universal dos Direitos do Homem e do Cidadão, foi uma carta de leis revolucionaria, pois acabou com os privilégios da nobreza e do clero. O povo que vivia em um sistema de servidão, após a revolução passou a ter direitos.

Outra revolução igualmente importante ocorreu na Rússia em 1917. A revolução bolchevique derrubou o czar Nicolau e impôs o comunismo no país. No caso russo, não somente a monarquia foi derrubada, mas o sistema econômico foi radicalmente modificado.

Mas também existem revoluções fora da esfera social ou política como as revoluções tecnológicas. A Revolução Industrial inglesa do século XVIII provocou uma profunda transformação na forma de se fabricar objetos. Alterando a sociedade de tal forma que hoje não imaginamos nossas vidas sem produtos industrializados.

Com tudo isso em mente, podemos afirmar que uma revolução só ocorre quando existe uma mudança radical e profunda nas estruturas de uma área da sociedade ou nela como um todo.

Texto Complementar 8

O NASCIMENTO DA CIVILIZAÇÃO E A FUNÇÃO DO FUTEBOL EM NOSSA SOCIEDADE

No inicio, o ser humano se organizava em tribos patriarcais e nômades. Os homens eram caçadores e guerreiros, já as mulheres eram coletoras e responsáveis pela criação dos filhos. Mas,

como tudo na vida, ocorreram algumas transformações importantes. A principal, sem dúvida, foi o desenvolvimento da agricultura. A agricultura foi essencial para que se produzissem alimentos em quantidade suficiente para alimentar a todos. Com a agricultura surgiu a necessidade de organizar a sociedade. Nascia, assim, a civilização.

A civilização surgiu originalmente na Mesopotâmia, há aproximadamente 5 mil anos atrás. Conforme foi se desenvolvendo, a civilização foi pouco a pouco retirando dos homens aquilo que fazia deles homens. Se no inicio o homem vivia livre pelas estepes caçando e colhendo frutos, com o tempo passou a domesticar animais e a plantar. O desenvolvimento da pecuária e, depois, da agricultura retirou do homem o prazer da caça e da coleta, condenando-o a uma vida pacata e sedentária.

Outra coisa que se perdeu com o tempo, foi a convivência com a guerra. Não a guerra de exércitos que conhecemos hoje, mas a guerra tribal, onde cada homem da tribo era um soldado em potencial. Todo homem era um guerreiro. Hoje as guerras são televisionadas e travadas bem longe de nossas casas, os iraquianos que o digam. Mas, por mais contraditório que isso seja, nossa sociedade não convive com a paz, ao contrário, nas cidades a insegurança é cada vez maior.

Mas a verdade é que o surgimento da civilização e da sociedade pôs fim em muito do que era o homem em sua essência. A filosofia e a psicanálise nasceram daí. Da necessidade do homem em se entender. Na busca por entender a si mesmo, o homem ainda não se encontrou e, certamente, trabalhar num escritório vestindo terno e gravata não irá devolver a paz ao coração guerreiro de um homem.

A organização dos esportes, no final do século XIX, reacendeu a chama guerreira nos homens. Sem dúvida, dois esportes se destacam neste sentido: o *rugby* (pouco praticado no Brasil) e o *futebol* (o mais popular esporte do planeta).

Por isso, há muito tempo que o futebol deixou de ser um esporte para se tornar num palco de representações da sociedade. O futebol se tornou o momento de *catarse* da sociedade moderna. É no futebol que o homem extravasa colocando para fora na forma de “gritos de guerra” tudo aquilo que o sufoca. Gritar gol é mais do que comemorar o ponto marcado pelo time, é colocar para fora tudo o que amordaça o ser humano.

Segundo os mais antigos, numa excursão do time do Santos à África, uma guerra civil foi parada para que uma partida amistosa entre o clube e uma seleção local não fosse cancelada. Os grupos em disputa preferiram o futebol à guerra.

Talvez, por isso, que algumas torcidas organizadas de grandes clubes de futebol, seja no Brasil ou na Inglaterra, se comportarem de forma tribal. Onde, muitas vezes, as rivalidades ocorrem dentro de grupos diferentes de torcedores do mesmo clube. Essa irracionalidade é explicada quando compreendermos o que significa o futebol em nossos dias.

O futebol é hoje, aquilo que um dia foi o homem.

O futebol não é um esporte e muito menos uma arte, como afirmam alguns. O futebol é um campo de guerra, um moderno campo de batalha onde o homem aproxima-se daquilo que ele nunca deixou de ser: um caçador e um guerreiro.

>>>> Todos os “textos complementares” estão disponíveis em www.historialivre.com <<<<

COMPARANDO HINOS

Hino da França

A Marselhesa

Avante, filhos da Pátria,
O dia da Glória chegou.
Contra nós, da tirania
O estandarte ensanguentado se ergueu.

Ouvis nos campos
Rugirem esses ferozes soldados?
Vêm eles até aos nossos braços
Degolar nossos filhos, nossas mulheres.

Às armas cidadãos!
Formai vossos batalhões!
Marchemos, marchemos!
Nossa terra do sangue impuro se
saciará!

(...)

Amor Sagrado pela Pátria
Conduza, sustente nossos braços
vingativos.
Liberdade, querida liberdade
Combata com teus defensores!
Sob nossas bandeiras, que a vitória
Chegue logo às tuas vozes viris!
Que teus inimigos agonizantes
Vejam teu triunfo e nossa glória.

Hino da Inglaterra

Deus Salve a Rainha

(God Save the Queen)

Deus salve nossa bondosa Rainha,
Longa vida à nossa nobre Rainha,
Deus salve a Rainha;
Que a faça vitoriosa,
Feliz e gloriosa,
Que tenha um longo reinado sobre nós
Deus salve a Rainha.

Ó Senhor, nosso Deus, venha
Dispersar seus inimigos
E fazê-los cair.
Confunda sua política,
frustre seus truques fraudulentos
Em ti depositamos nossa esperança
Deus salve a todos nós.

Os melhores presentes;
Que seja agradável lhe dar
Que seu reinado seja longo;
Que ela defenda nossas leis,
E sempre nos dê motivo
De cantar com o coração e a voz
"Deus salve a Rainha."

Hino do Rio Grande do Sul

Hino Rio-Grandense

Como a aurora precursora
Do farol da divindade
Foi o 20 de Setembro
O precursor da liberdade

Mostremos valor constância
Nesta ímpia e injusta guerra
Sirvam nossas façanhas
De modelo a toda Terra.

De modelo a toda Terra
Sirvam nossas façanhas
De modelo a toda Terra

Mas não basta pra ser livre
Ser forte, aguerrido e bravo
Povo que não tem virtude
Acaba por ser escravo.

Mostremos valor constância
Nesta ímpia e injusta guerra
Sirvam nossas façanhas
De modelo a toda Terra

De modelo a toda Terra
Sirvam nossas façanhas
De modelo a toda Terra.

Hino do Brasil

Hino Nacional Brasileiro

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante,
E o sol da liberdade, em raios fúlgidos,
Brilhou no céu da pátria nesse instante.

Se o penhor dessa igualdade
Conseguimos conquistar com braço forte,
Em teu seio, ó liberdade,
Desafia o nosso peito a própria morte!

Ó pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, um sonho intenso, um raio vívido
De amor e de esperança à terra desce,
Se em teu formoso céu, risonho e límpido,
A imagem do cruzeiro resplandece.

Gigante pela própria natureza,
És belo, és forte, impávido colosso,
E o teu futuro espelha essa grandeza.

Terra adorada,
Entre outras mil,
És tu, brasil,
Ó pátria amada!
Dos filhos deste solo és mãe gentil,
Pátria amada,
Brasil!

II

Deitado eternamente em berço esplêndido,
Ao som do mar e à luz do céu profundo,
Fulguras, ó Brasil, florão da América,
Iluminado ao sol do novo mundo!

Do que a terra mais garrida
Teus risonhos, lindos campos têm mais flores;
"Nossos bosques têm mais vida",
"Nossa vida" no teu seio "mais amores".

Ó pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, de amor eterno seja símbolo
O lábaro que ostentas estrelado,
E diga o verde-louro dessa flâmula
- Paz no futuro e glória no passado.

Mas, se ergues da justiça a clava forte,
Verás que um filho teu não foge à luta,
Nem teme, quem te adora, a própria morte.

Terra adorada
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó pátria amada!

Dos filhos deste solo és mãe gentil,
Pátria amada,
Brasil!

DISCUTINDO EM GRUPO

Ao compararmos os hinos acima percebemos importantes diferenças e semelhanças entre eles. Contudo, enquanto os hinos francês e gaúcho exaltam a liberdade e a participação popular, o inglês exalta a figura da rainha. Já o hino nacional brasileiro exalta as qualidades naturais da pátria.

Por que isso ocorre?

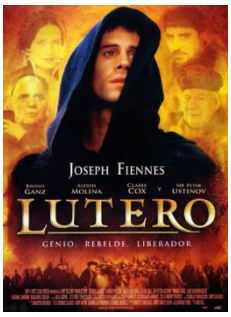
Em que contexto histórico cada um dos hinos foi composto?

ROTEIROS DE OBSERVAÇÃO: FILME / DOCUMENTÁRIO (Citados nesta apostila)

LUTERO (Alemanha, EUA, 2003)

Título Original: Luther (Alemanha, EUA, 2003, 121 min.)
Direção: Eric Till.
Elenco: Joseph Fiennes, Claire Cox, Alfred Molina, Peter Ustinov, Owe Ochsenk Neecht e Torben Liebremcht.

Após quase ser atingido por um raio, Martinho Lutero acreditou ter recebido um chamado e se juntou ao Monastério. Ainda jovem, se vê atormentado pelas práticas da Igreja Católica da época. As tensões se intensificam quando prega suas 95 teses na porta da Igreja de Wittemberg. Obrigado a se redimir publicamente, se recusa a negar os seus escritos até que a Igreja Católica consiga provar que suas palavras contradizem a Bíblica. Preso e excomungado, Lutero foge. Mesmo sendo considerado pelo papa um criminoso, mantém sua fé e luta para que todas as pessoas tenham acesso a Deus.



Observar:

→ O contexto histórico da Alemanha na época do filme.

→ O que eram as indulgências e por que Lutero as desaprovava?

→ A reação da Igreja Católica aos ensinos de Lutero.

→ Quais as doutrinas católicas que Lutero questionava?

→ A Confissão de Augsburgo e os príncipes que se levantam em protesto, de onde se origina o nome Igreja Protestantes.

Curiosidade: A base da fé luterana esta nas Cinco Solas: Sola Scriptura (somente a Bíblia), Sola Fide (somente a fé), Solus Christus (somente Jesus Cristo), Sola Gratia (somente a graça) e Soli Deo Gloria (glória somente a Deus).

TEMPOS MODERNOS (EUA, 1936)

Título Original: The Modern Times
Filme de Charles Chaplin (EUA, 1936)

"O Caminho da vida pode ser o da liberdade e da beleza, porém, desviamo-nos dele. (...) Criamos a época da produção veloz, mas nos sentimos *enclausurados* dentro dela. A máquina, que produz em grande escala, tem provocado a *escassez*. Nossos conhecimentos fizeram-nos *céticos*; nossa inteligência, *empedernidos* e cruéis. Pensamos em demasia e sentimos bem pouco. Mais do que máquinas, precisamos de humanidade; mais do que de inteligência, precisamos de afeição e doçura! Sem essas virtudes, a vida será de violência e tudo estará perdido." (Charles Chaplin nas cenas finais de "O Grande Ditador").

Glossário:

Enclausurado: Que se enclausurou; recolhido ao convento. Isolado em clausura ou recinto fechado; confinado. Separado do convívio social; retraído. Preso.
Escassez: Qualidade do que é escasso. Carência, míngua, falta. Avareza, sovinice, parcimônia.
Cético: Diz-se daquele que segue o cepticismo. Que duvida de tudo que não está provado de modo evidente. Descrente.
Empedernido: Transformado em pedra; petrificado. Duro como pedra; endurecido. *fig* Duro, desapiedado, desumano.

Chaplin em Tempos Modernos

Observar:

→ Os tipos de máquinas utilizadas (tamanho, aparência, utilização);

→ A técnica empregada no processo de fabricação: produção em série;

→ Como ocorre a participação humana no processo de fabricação;

→ As condições em que as pessoas trabalham;

→ As diferenças entre ricos e pobres.

Outras Apostilas em

www.historialivre.com/apostilas

“O Nascimento da Modernidade” – 5ª edição de Agosto de 2016.

A maior parte do material aqui exposto foi adaptado das aulas do professor Marcos Faber, disponíveis no site História Livre (www.historialivre.com)

Sobre o autor

Marcos Emílio Ekman Faber é formado em História pela Faculdade Porto-Alegrense (FAPA) e pós-graduado em História do Brasil Contemporâneo pela mesma instituição. É editor do site HistoriaLivre.com e coeditor da publicação acadêmica Revista Historiador (http://www.historialivre.com/revistahistoriador). Leciona História nas escolas EEEB Dolores Alcaraz Caldas de Porto Alegre e EMEF Tiradentes de Cachoeirinha.

Contatos:

marfaber@hotmail.com

www.historialivre.com